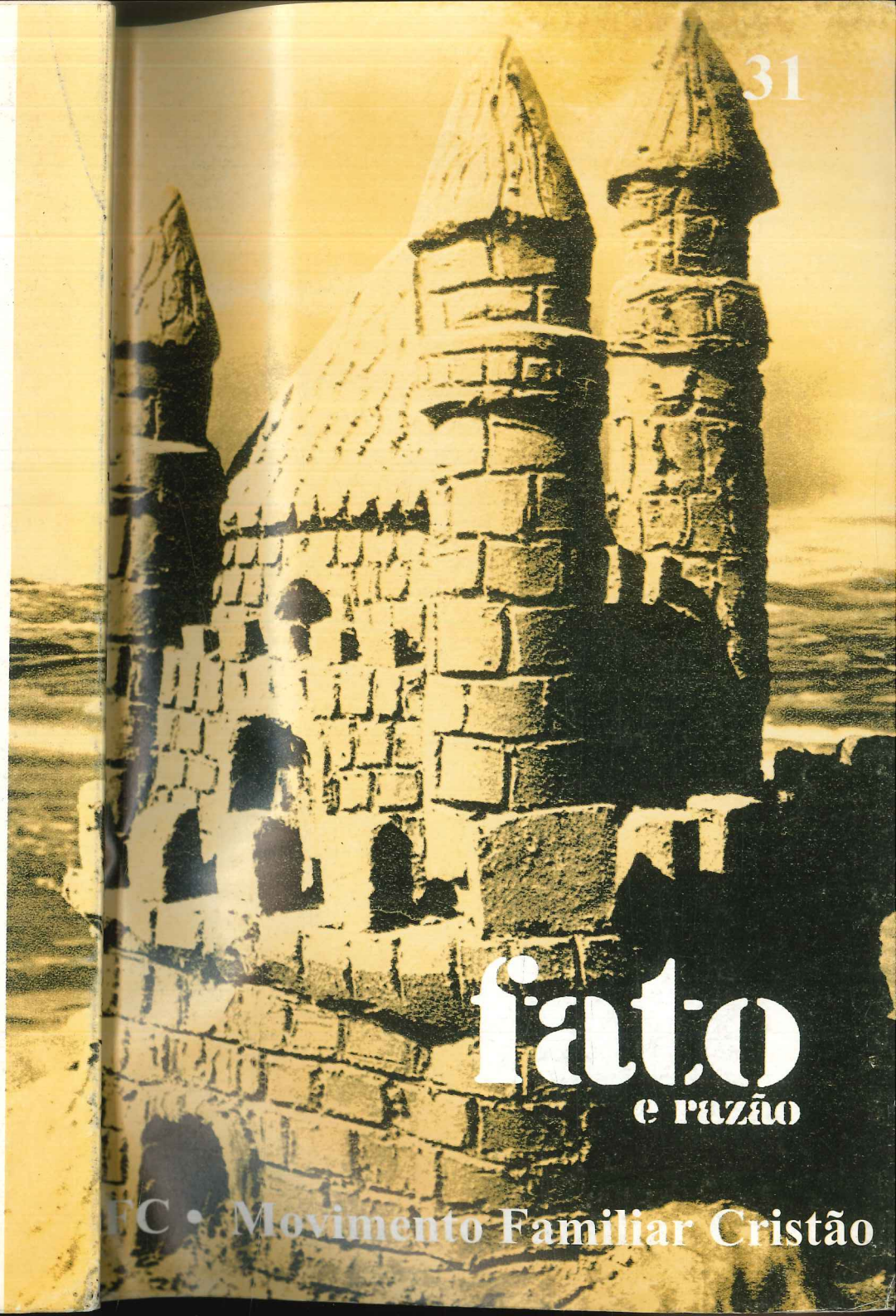


NESTE NÚMERO:

- “Se essa rua fosse minha”
- Bodas de Prata da Igreja com os pobres: Teologia da Libertação
- O MFC e os Meios de Comunicação Social
- Lição dos índios aos brancos
- Enchentes: quem tem pouco perde tudo quem tem muito nada perde
- A inveja mata
- Rede de Cristãos das Classes Médias
- Converter-se
- A vergonha do trabalho infantil
- Contágio de bem, contágio de mal
- Justiça e paz na terra
- Os talentos
- Espiritualismo e espiritualidade: coisas bem diferentes
- Fetiche do carro
- CPMF: verdades e mentiras
- ITR e Rito Sumário: a revolução que o MFC queria
- A fé como semente
- O Consenso de Washington fracassou
- Armas achadas e balas perdidas
- As CEBs e as “seitas”
- Deus e o diabo na terra do latifúndio
- Rumo ao novo milênio
- Livre, justa e solidária
- A comunhão dos justos
- Reverência à diversidade
- O MFC no mundo
- Mapas



fato
e razão

MFC • Movimento Familiar Cristão

Recado ao leitor

Neste número, caro leitor, você se sentirá envolvido em reflexões profundas sobre as grandes transformações que ocorrem no mundo e em nosso país, e que afetam intensamente a nossa vida pessoal, familiar e social.

O modelo predominante de sociedade segue sendo fortemente questionado, para não nos deixarmos acomodar com algumas conquistas realmente positivas, também abordadas em alguns artigos. Com isenção, os editores têm pretendido analisar e destacar as coisas boas que vêm acontecendo, e continuarão questionando as omissões ou a lentidão das respostas às necessidades básicas da nossa gente.

Nos números anteriores da revista, reproduzimos as propostas do MFC para uma verdadeira reforma agrária. Já há muitos passos dados nessa questão, mas as reivindicações devem continuar.

Neste número, amigo leitor, destacamos o posicionamento e propostas do MFC ao governo sobre os meios de comunicação social.

O que lhes pedimos é reproduzir essa matéria e levá-la a parlamentares da sua região, buscando apoio às teses do MFC, já enviadas ao Presidente da República e a seus Ministros, a Deputados e Senadores.

E, se possível, envolverem outros movimentos, organizações locais e autoridades no apoio a essas propostas. As propostas são viáveis e os resultados serão muito bons para o povo e as famílias brasileiras. Haverá forte oposição, sabemos de onde. Mas vale a pena engajar-se nessa briga! Contamos com você, caro amigo.

S. & H.A.

fato e razão

Edição
Movimento Familiar Cristão

Conselho Diretor Nacional

Marcio Luz e Valéria Leite
José Newton e Ariadna Ribeiro
Bernardo e Ma. Nazaré Souza
Luiz e Helena dos Santos
Cyro e Mariana Miranda
Marcio e Malvina Fonseca
Jovino e Ruth Ferreira
Mara e Mainá Souza Neto
Armando e Irmgard Grando
Iride T. e Adroaldo Lize
Wanderley Tavares
Cleudison Halare
Isabelle Vasconcellos
Gerson Guimarães
Cleyton Santos
Rafael Hoff

Equipe de Redação

José e Beatriz Reis
Selma e Helio Amorim

Consultoria

IBRAF
Instituto Brasileiro da Família

Distribuição e
Correspondência

Livraria do MFC
Rua Espírito Santo, 1059/1109
Tel. (031) 222-5842
30160-031 Belo Horizonte MG

SUMÁRIO

Enchentes: quem tem pouco perde tudo, quem tem muito nada perde, 2 - Editorial.

Contágio de bem, contágio de mal, 4 - Arthur da Távola.

Bodas de Prata da Igreja com os pobres:

Teologia da Libertação, 6 - Leonardo Boff.

A inveja mata, 14 - Marco Aurélio Dias da Silva.

Armas achadas e balas perdidas, 16 - Helio e Selma Amorim.

As CEBs e as seitas, 18 - D. José Maria Pires.

Os talentos, 14 - D. Helder Câmara.

Justiça e paz na terra, 26 - CNBB.

ITR e Rito Sumário: a revolução que o MFC queria, 28 - Helio Amorim.

"Se essa rua fosse minha", 31 - José e Beatriz Reis.

Mapas, 40 - Rubem Alves.

O MFC no mundo, 43.

Fetichismo do carro, 44 - Frei Betto.

A fé como semente, 46.

Espiritualismo e espiritualidade: coisas bem diferentes, 48 - Neide e Itamar Bonfatti.

A vergonha do trabalho infantil, 54 - Editorial.

Rumo ao novo milênio, 56 - Pedro Ribeiro de Oliveira.

Converter-se, 59 - D. Pedro Casaldáliga.

Livre, justa e solidária, 62 - Claudio Carvalho.

CPMF: verdades e mentiras - Editorial

O Consenso de Washington fracassou, 68 - Equipe de Redação.

Proposta do MFC ao Governo sobre os Meios de Comunicação Social, 70.

Lição dos índios ao homem branco, 75.

Rede de Cristãos das Classes Médias, 76 - Maria Helena Arrochellas.

Reverência à diversidade, 79 - Rabino Henry Sobel.

A comunhão dos justos, 80 - MFC-JF.

Enchentes: quem tem pouco perde tudo, quem tem muito nada perde.

Como todo ano, em datas devidamente agendadas pela natureza, embora com alguma imprecisão geográfica, as chuvas inundam e matam. Fica a impressão de que esse dom da natureza, que dá vida e fecunda a terra, perde a cabeça uma vez por ano e sai destruindo vidas e bens materiais, com uma fúria misteriosamente voltada somente contra os mais pobres. Essa é a impressão que nos passam as terríveis cenas captadas pelas câmaras de TV, que as classes médias assistem confortavelmente instaladas em suas casas seguras, sem muita emoção. Para estas, "a chuva no telhado é cantiga de ninar", como diz a canção. A monótona repetição anual dessas tragédias e o fato de não atingirem gente que tem peso social, fazem dessas cenas simples eventos rotineiros, lamentáveis mas inevitáveis, que saem do noticiário logo que o sol retorna.

Os poucos privilegiados mais sensíveis, entretanto, não conseguem dormir direito depois de assistir os noticiários de TV. O que vêem? Em primeiro lugar, o desespero de muitos temperado pelo conformismo fatalista de outros tantos. As mortes são

choradas, enquanto a sobrevivência dos que escaparam explode em agradecimentos a Deus que os livrou - e que por algum desígnio misterioso não se preocupou em salvar os outros (!). Há os que choram pela perda da casa ("para onde iremos?") e dos móveis, fogões, geladeiras. E do sonho realizado da TV comprada com litros de suor, tudo reduzido a sucata ou levado pela correnteza. Outros sorriem para dizer que "o importante é estar vivo", incorporando a postura conformista do "vão-se os anéis, ficam os dedos". E... "até para o ano, se Deus quiser"!

Em segundo lugar, vêm a solidariedade comovente que há entre os pobres. Nos abrigos improvisados, unidos pela desgraça comum, as tarefas são divididas, crianças que perderam os pais são acolhidas, mantimentos, roupas e agasalhos que chegam são repartidos. Também a solidariedade dos que não foram atingidos: os presos de uma penitenciária de Belo Horizonte doam os mantimentos de um jantar e, naquela noite, vão dormir com fome. Duas kombis carregadas de colchonetes e alimentos trazem a

Editorial

colaboração dos moradores de uma favela vizinha não tão castigada pelas águas.

Não se pode deixar de reconhecer: dentre aqueles espectadores privilegiados do noticiário, muitos saem do conforto seguro de suas casas e se apresentam como voluntários nos postos de socorro e abrigos improvisados, em escolas e igrejas transformados em hospedarias precárias. Em alguns postos, surgem os avisos: "já não faltam voluntários, voltem para casa". Só que essa solidariedade externa costuma ser pouco duradoura. Passado o choque dos primeiros dias, já ninguém se interessa em saber que destino tiveram os desabrigados, os que perderam tudo. Ou se as vidas perdidas desagregaram famílias ou as condenaram a uma miséria maior, sem indenizações ou compensações - geralmente prometidas no primeiro momento.

E o pior: pouco ou nada se faz para que no ano seguinte as coisas sejam diferentes. Os rios e valas continuarão sem dragagem, as encostas continuarão desprotegidas, a miséria continuará obrigando famílias a ocuparem e construir em suas precárias habitações em áreas de risco, não será criado nenhum

Para uns, "a chuva no telhado é cantiga de ninar", para outros é morte, invalidez, destruição, perdas irreparáveis.

seguro social para os pobres, que se parecesse com os variados seguros com que se protegem as classes médias.

O motivo é sempre o mesmo: trata-se de um problema que não atinge as classes de poder decisório ou peso social, capazes de decidir ou exigir que a sua solução seja prioritária, nas políticas dos governos. No máximo, continuará como um item a mais na vasta e vaga agenda de questões sociais.

É verdade que já se anunciam, em alguns grandes centros urbanos, alguns programas municipais promissores para a urbanização de favelas e remoção de famílias de áreas de risco para casas seguras. Mas o tamanho do problema parece ser muitas vezes maior que o das soluções, o que nos faz prever, por muitos anos ainda, novas tragédias para os que, tendo pouco, tudo perdem. Inclusive vidas e esperança. Não é justo!



Eleições municipais revelam o novo eleitor: "Ele é cada vez mais um eleitor 'prêt-a-porter', pois está fugindo da alta-costura da política, que serve a essas grandes empresas, que são os partidos políticos nacionais". (Deputado Federal Paulo Delgado, PT-MG).

Contágio de bem, contágio de mal

Qual será a emoção de se (re)descobrir uma pessoa a quem já se conhece há muito tempo? Temos a exata dimensão de quem já conhecemos, apenas porque delas cristalizamos uma determinada visão, impressão ou opinião.

Depois que classificarmos as pessoas (sempre segundo a nossa ótica e nunca segundo elas mesmas), paralizamos nosso conhecimento na impressão fixada. Elas passam a nos parecer eternas repetidoras de situações, reações e atitudes: seres pleonásticos. Se formos capazes de romper a cristalização, ver e descobrir as pessoas em ângulos novos, também ela se contagiara com a nossa descoberta. Ela mesma fortalecerá esses novos ângulos pelos quais a vemos e que são dela, senão não teriam aparecido.

Somos seres de mistério nos contágios. Contagiamo-nos com o ângulo pelo qual nos vêm ou sentem. Somos "bons" para quem como tal nos considera e "maus" com quem nos acha o fim da picada. Qual será essa relação estranha de contagiarmo-nos da parte

nossa pela qual somos vistos, julgados e considerados?

E possuímos - evidentes ou latentes - todas as partes que vêm em nós. Quem não gosta do que somos ou de como somos, faz-nos o favor de revelar - de maneira exagerada e negativa, é certo - as partes nossas às vezes apenas subjacentes, ou disfarçadas, mas reais. Quem gosta faz idêntico favor: o de nos fortalecer nas partes melhores.

O fato é o contágio. Também contagiamos os que nos julgam. Daí o mistério da afinidade. Aceitos, crescemos e devolvemos crescimento, fazendo o outro crescer. Rejeitados, encolhemos e fazemos encolher. Quando queremos dizer algo para quem afina conosco, encontramos as palavras precisas, fluentes, adequadas. Dizer exatamente o mesmo para um não-afim, bloqueará a expressão, torná-la-á imprecisa, difícil, obscura. O afim está aberto a ouvir e o não-afim só está pensando no que pretende dizer, logo, não nos aceita em profundidade, antes, nos rejeita.

No amor, também: não basta

Se enriquecemos a nossa visão do próximo com mais elementos, novos filtros e lentes melhores que as habituais, vamos descobrir-lhe paisagens interiores belas e, assim, ajudá-lo a descobri-las também: assim é o contágio de bem no amor.

outro mudar. É necessário que também mudemos para nele descobrir partes desconhecidas. Se enriquecermos a nossa visão do próximo com mais elementos, novos filtros e lentes melhores que as habituais, vamos descobrir-lhe paisagens interiores belas e, assim, ajudá-lo a descobri-la, ele também.

É preciso, sempre, mudar a ótica restritiva das impressões cristalizadas que temos das pessoas. Nós as conhecemos e para maior conforto interior, logo as classificamos, catalogamos e imobilizamos. E a partir dessa prematura e limitante catalogação só nos relacionamos com o que está no rótulo, jamais admitindo novas combinações. Abrimos mão do esforço de descobrir partes não exercitadas no outro porque desconhecidas até mesmo por ele.

Essa descoberta e revelação do



ser maior de quem nos é familiar infelizmente só vem quando há perda, abandono ou morte e já não há tempo.

É preciso, pois, empreender uma cruzada de compreensão e técnica. Técnica, sim, a de ver além dos rótulos que criamos para os demais ou eles mesmos assim o determinaram. Essa descoberta do que existe, dorme, jaz ou lateja no ser humano, é um desafio talvez apenas possível no amor quando se processa a descoberta profunda do outro como o próximo, vale dizer, como pedaço do eu.

Animada pela percepção e pelo reconhecimento, a melhor parte do outro começará a viver, porque o que é bom para quem amarmos é que é bom para nós.

(Artur da Távola, *Amor a si mesmo*. Nova Fronteira)

Bodas de Prata da Igreja com os pobres: Teologia da Libertação

Leonardo Boff
Teólogo

A teologia da libertação é filha do casamento da Igreja com os pobres. Como em todos os casamentos, tudo começa com o enamoramento. Este tem um lugar sacramental e um momento fatal. Foi no final do Concílio Vaticano II (1962-1965), reunião de todos os bispos para decidirem os rumos da Igreja católica no mundo moderno.

1. A fase de enamoramento

Quarenta bispos, do mundo inteiro, inspirados pela idéia da Igreja dos pobres do papa João XXIII e animados pelo espírito profético de D. Helder Câmara, reuniram-se nas catacumbas, fora de Roma. Lá onde se sente ainda hoje o espírito originário da comunidade fraternal que era o cristianismo em seus primórdios. Firmaram um pacto da Igreja servidora e pobre que se expressou por uma clara opção pelos pobres. Proclamaram a Igreja dos pobres e com os pobres. Formularam um voto: ao retornarem as suas pátrias, iriam se despojar dos

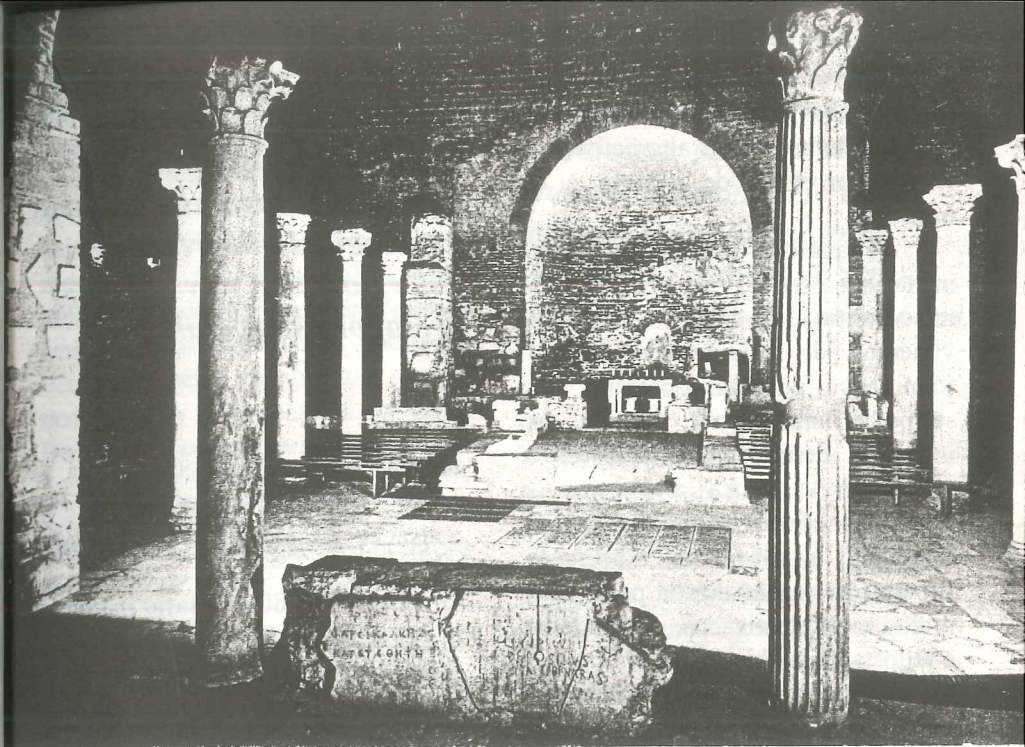
símbolos do poder sagrado, deixar palácios episcopais e viver pobremente.

Daí surgiu o enamoramento e logo o noivado da Igreja com os pobres. Data: 16 de novembro de 1965. Local: Catacumbas de Santa Domitila, fora de Roma.

2. A fase de casamento

Mas o casamento só se deu três anos após, em 1968. Em Medellín, na Colômbia, por ocasião da II Conferência Geral do Episcopado latino-americano. Aí irrompeu na consciência eclesial a centralidade dos pobres e oprimidos e a urgência de sua plena libertação. Eles constituem 2/3 da humanidade e do nosso continente índio-negro-latino-americano.

A Igreja é o levita da parábola evangélica que passa ao largo, apressado, ou é o bom samaritano, misericordioso, que se verga sobre o caído na estrada e o socorre? Sem sombras de dúvida, diante dos pobres e oprimidos, ela deve assumir uma missão libertadora em todas as



Nesta capela das Catacumbas de Santa Domitila, fora de Roma, quarenta bispos de muitas partes do mundo, inspirados pela idéia do papa João XXIII e animados pelo espírito profético de D. Helder Câmara, firmaram o pacto da opção pelos pobres, despojando-se dos símbolos de poder.

formas de sua presença no subcontinente.

Estava lançado o desafio para si mesma, para as demais Igrejas e para toda a Igreja universal: o de serem os aliados, defensores e promotores dos pobres e de sua libertação. Proclamar a libertação como sonho central de Jesus e realizar a libertação como missão contemporânea da Igreja, eis o novo horizonte da ação evangelizadora.

3. Nascimento, batismo e registro cartorial

Deste casamento Igreja/pobres nasceu uma criança: a teologia da

libertação. Foi logo batizada com esse nome. Cresceu e se desenvolveu com inteligência e vigor nos dez anos que se seguiram a Medellín.

Retenhamos este dado histórico, carregado de conseqüências: a teologia da libertação é filha do primeiro amor da Igreja para com os pobres e sofredores deste mundo.

Mas a criança somente foi registrada em cartório com documento oficial de seu nascimento em 1971. Nesse ano de 1971 foram publicados os primeiros textos sistemáticos da teologia da libertação no Peru, no Brasil, no Uruguai e em outras partes da América Latina. Era a cristalização de toda uma caminhada de reflexão em cima da opção

pelos pobres e oprimidos, traduzidas em práticas populares e religiosas que buscavam uma alternativa ao sistema produtor de miséria e de injustiça.

As análises mostravam claramente que esse sistema socio-econômico-político produzia o desenvolvimento do subdesenvolvimento. Significava, portanto, opressão. Não se podia mais seguir por ele. Ao invés de desenvolvimento/opressão, se procurava outra alternativa: a libertação concreta, histórico-social, e aberta a ulteriores expressões. Libertação hegemonizada pelos oprimidos, conscientizados, organizados e feitos sujeitos históricos.

Através de suas práticas nos movimentos sociais, nos sindicatos, nos partidos de cunho popular, nas comunidades cristãs, nos movimentos de resistência, e até no enfrentamento com as forças de controle e de repressão do regime então dominante, na América Latina, o regime de segurança nacional, (que, bem analisado significava, na verdade, regime de segurança do capital), a teologia da libertação emergia como novo ator social.

5. A fase adulta da teologia da libertação

O caminho da elaboração teórica conheceu três etapas principais.

Nos anos 70 a grande preocupação era o pobre e o oprimido material, social e político. A libertação integral tinha que passar pelas

Através de suas práticas nos movimentos e estruturas sociais de resistência e até nas lutas contra as ditaduras, a teologia da libertação emergia como novo protagonista social.

libertações histórico-sociais sem as quais dificilmente escaparia da acusação de alienação e de espiritualismo.

Nos anos 80 o desafio maior foi o pobre e o oprimido cultural: o índio, os negros, as mulheres, os jovens e tantas outras minorias discriminadas em razão do sexo, da cor, da doença e da religião. Da sociedade fomos remetidos à cultura que explica a profundidade e a perpetuidade das opressões. Sem essa mediação cultural, a libertação ficaria a meio caminho, como um episódio importante dentro de certo tipo de sociedade. Importava ir mais fundo e definir uma alternativa de longo alcance: recriar uma cultura da solidariedade, da partilha, do respeito às diferenças e da colaboração a partir das vítimas históricas que há séculos resistem, esperam por justiça e se organizam para buscar sua liberdade.

Nos anos 90 somos confrontados com a crise maior, do sistema terra. É a crise ecológica em suas várias vertebrações: ambiental, social, mental e integral. A terra não agüenta mais a dilapidação siste-

mática de seus recursos. Não só os pobres e oprimidos gritam. Também a terra grita. Agora não há mais uma Arca de Noé que salve alguns e deixe se perderem os outros. Ou nos salvamos todos ou nos perdemos todos. Se o risco é global, a libertação tem de ser também global. Importa articular uma libertação verdadeiramente integral da terra e dos filhos e filhas cativos da terra. Para isso ocorrer, inauguramos novo paradigma de re-ligação, de sinergia e de nova aliança para com a Terra Mãe. Agora a teologia da libertação tem chances de ser verdadeiramente integral.

6. Os dados da carteira de identidade da teologia da libertação

Como numa leitura de cegos que capta as relevâncias, enfatizamos alguns pontos axiais da teologia da libertação.

1. É a primeira teologia histórica que nasce da periferia do cristianismo e que apresenta novo modo de fazer teologia, com sistematização coerente dos conteúdos da fé. Coloca em seu centro a prática de libertação com os pobres. Por isso é profética, denunciando as opressões. É pastoral porque se interessa por transformações práticas. É militante porque as transformações devem ser feitas a partir dos pobres e abertas aos demais.

A partir dessa prática, redescobre o Deus bíblico como o Deus da

Surge para a teologia da libertação a preocupação ecológica: ambiental, social, mental e integral. A terra não agüenta mais tanta predação: ou nos salvamos todos ou nos perdemos todos.

vida. Ele, por sua essência, coloca-se ao lado dos que menos vida têm, os pobres; seu projeto histórico é de libertação em plenitude. Desvela a dimensão libertadora objetiva da prática, da mensagem e da utopia de Jesus. Clarifica a missão das Igrejas que é de serem atualizadoras da dimensão libertadora integral do cristianismo na diversidade dos tempos e das culturas.

2. A teologia da libertação significou um apelo à consciência mundial. O que ela coloca em tela é a sorte das "grandes maiorias" da humanidade, condenadas à miséria e à exclusão por causa da outra parte minoritária, insensível, cruel e sem piedade. Moveu Estados, órgãos de segurança do sistema mundial e atraiu a ira dos poderosos. Por isso, membros que apoiaram a teologia da libertação foram perseguidos, presos, torturados, desaparecidos e muitos assassinados: bispos, padres, teólogos, leigos, jovens, homens e mulheres. Granjeou também a admiração dos melhores espíritos do tempo.

3. O peso da teologia da libertação fez-se sentir no aparelho central da Igreja católica, no Vati-

cano. Os papas tomaram, com frequência, posição diante dela. As instâncias doutrinárias reagiram em 1984 e em 1986 com diferentes níveis de empenho. Fundamentalmente, e em contradição com a versão dominante nos meios de comunicação, a teologia da libertação foi aprovada pela Igreja. Ela chamou, sim, a dois perigos que sempre acoessam esse tipo de teologia: a redução da fé à política e o uso não crítico do marxismo. Evitando esse perigo, pois o perigo nunca invalida a coragem do pensamento, a teologia da libertação é útil e necessária na presente conjuntura de flagelo planetário dos pobres.

Na verdade, as Igrejas assumiram as principais intuições da teologia da libertação: a) a opção preferencial pelos pobres, contra a pobreza e em favor da libertação; b) a dimensão histórico-libertadora da fé cristã; c) as comunidades cristãs de base como expressão de um cristianismo de libertação no qual fé e vida, mística e política se articulam para produzir a libertação nascida da própria fé; d) a libertação como um processo aberto e integral: libertação de opressões de todo o tipo - inclusive da especificamente religiosa, do pecado - e libertação para a realização das capacidades humanas pessoais e coletivas, para o pleno desabrochar do sentido da história que inclui sua imersão no mistério de Deus.

4. A teologia da libertação constitui referencial indiscutível para os oprimidos e marginalizados. Não

A teologia da libertação foi aprovada pela Igreja, apenas alertada para o risco de um reducionismo da fé à análise crítica marxista da realidade, risco que não invalida a coragem do pensamento.

são poucos o que professam: sou contra o cristianismo histórico, mas a favor da teologia da libertação. O que ela suscita não interessa apenas aos professantes do sonho cristão. Interessa a todos os que não perderam sua humanidade mínima: a liberdade, a dignidade, a vida, a partilha, a comunicação entre todos. Mediante os debates que esta teologia suscitou, algo do evangelho penetrou no mundo inteiro até lá onde ele era sistematicamente silenciado e negado, como nos meios de comunicação da União Soviética e da China. Por ocasião dos debates no Ocidente sobre esta questão, as televisões daqueles países fizeram programas de informação que cobriram todo o território.

A teologia da libertação interessa não apenas aos que abraçaram o sonho cristão mas a todos os que não perderam sua humanidade mínima: o sonho da liberdade, da dignidade, da vida, da partilha dos bens da natureza e do trabalho do homem entre todos.

5. A teologia da libertação obrigou as demais correntes de teologia a se perguntarem por sua relevância social. Não basta que as teologias sejam ortodoxas e os argumentos internamente bem travejados. Elas não podem ser apenas produtos para o consumo interno dos cristãos. Elas têm de ser mais. Elas devem pensar que as questões do mundo e do homem da rua, porque estas questões têm que ver objetivamente com Deus, pois de uma forma ou de outra, ele está presente nelas. Especialmente devem se perguntar qual a funcionalidade ideológica que assumem dentro da sociedade: passam ao largo dos conflitos que comportam graves violações da justiça (pecado social) e com isso se fazem alienadas, quando não, peças de legitimação do status quo. Ou as incluem como denúncia profética, fazendo-as material de sua reflexão e de busca de operacionalidade transformadora. Caso contrário, as teologias dificilmente se livram, nollens vollens, da pecha de alienação, de mistificação e de cinismo histórico.

A questão a que todas as

A teologia da libertação é sal saudável que se dilui na comida e lhe dá sabor novo e melhor. Já não se pode dissociar Evangelho, boa notícia para a humanidade, e libertação.

teologias devem responder, no fundo, é esta: Como anunciar Deus como Pai e Mãe num mundo de miseráveis? Só faz sentido se o anunciarmos dentro de um processo de transformações que torne verossímil dizer que Deus é Pai e Mãe, e nós todos filhos e filhas, irmãos e irmãs de fato, e não apenas na retórica religiosa. Na resposta a essa questão se mede a verdade histórica e a relevância social de cada corrente teológica.

6. A teologia da libertação vem revestida de irrecusável grandeza ética. Mostra com-paixão com o sofrimento humano. Associa-se ao sofrimento dos condenados da terra. Escolhe o caminho mais difícil, mas mais digno, pensar, atuar e partilhar



a causa, a luta e a esperança junto com todos os oprimidos em vista de uma convivência em liberdade, em solidariedade e colaboração. Tal opção pode custar onerosos sacrifícios, perseguições, prisões, torturas e, em não poucos casos, a própria vida.

A teologia da libertação convoca para a generosidade e suscita grandes e nobres sentimentos nos professantes da fé cristã. Fundamentalmente lhes diz: toda dor humana, em qualquer parte do mundo,; toda injustiça, em qualquer corpo ofendido; toda violação da sacralidade da vida, em qualquer lugar e sob qualquer forma, é violação, injustiça e dor que afetam a tua pele, entristecem a tua alma e afligem o teu coração. Por isso, faze-te um com os humilhados e ofendidos e juntos realizem a libertação e reconstruam a vida em sinergia e em solidariedade.

7. A teologia da libertação é sal saudável que se dilui em toda a comida e lhe deu sabor novo e melhor. Já não se pode mais dissociar evangelho de libertação. Esta é a parte do evangelho, como boa notícia para a humanidade neste final de milênio e para o alvorecer do próximo.

Indiscutivelmente quando se trata de identificar a atitude cristã, teórica e prática, diante dos conflitos sociais e mundiais, a teologia da libertação emerge quase sempre como a teologia hegemônica. Ela aponta a direção moral e intelectual aos cristãos e à caminhada das Igrejas. Ela mostra que não há

As teologias não podem ser produto apenas para consumo interno dos cristãos. Elas devem pensar as questões do mundo e do homem da rua, que têm tudo a ver objetivamente com Deus

contradição fundamental entre a idéia de revolução/libertação/transformação e cristianismo. E dá as boas razões para isso. Pois o Deus do Êxodo mostrou escutar o grito do oprimido; Jesus anunciou um sonho de total libertação - Reino de Deus que está entre nós - e o antecipou por palavras corajosas e práticas libertadoras, começando pelos pobres; por causa disso indispos-se contra os vários poderes do tempo, foi caluniado, perseguido, preso, torturado e morto na cruz; ressuscitou para instaurar a revolução dentro da evolução e mostrar o futuro da vida e da liberdade. Então, e por tudo isso, já não é mais possível a passividade preguiçosa dos cristãos ou o seu acomodamento dentro de estruturas injustas ou o aprisionamento do sonho libertário de Jesus nas malhas de sistemas sociais que o seqüestraram para legitimar privilégios e invalidar quaisquer mudanças.

A teologia da libertação fez e continua fazendo bem aos pobres e aos oprimidos. Dignificou-lhes as causas, enobreceu-lhes as lutas e conferiu-lhes uma aura de eternidade. Pois a causa da vida, dos



Os peixes e a âncora, símbolos da esperança dos primeiros cristãos, estão gravados para sempre nas paredes de pedra da Catacumba de Santa Domitila, berço da opção pelos pobres, assumida por um grupo de bispos de todo o mundo, no final do Concílio Vaticano II.

meios da vida, da liberdade e da beleza são causas antes de Deus do que dos pobres e oprimidos. Quando lutam por tais realidades, eles podem estar seguros que têm um Deus como aliado. Ele está de sua parte e contra

o faraó e seus representantes históricos, seculares e religiosos. Ao realizar essa missão, ela cumpre o seu verdadeiro sentido humano, religioso e cristão: servir simplesmente à libertação.

@ Como entendemos a opção pelos pobres assumida pela Igreja? Que base evangélica a suporta? Citar o que conhecemos dos evangelhos.

@ Que aspectos da teologia da libertação poderão ter marcado a nossa fé e a nossa vida? Exemplos.

@ Como viver de fato a nossa fé humanizadora no dia-a-dia de nossas vidas? Na família, na comunidade, na cidade?



"Não devemos temer a morte mas a insuficiência de vida" (Berthold Brecht).

A inveja mata

Marco Aurélio Dias da Silva
Médico

Quando se estudam as razões por que as pessoas ficam doentes, clara tendência há a explicá-las por fatores objetivos, geralmente externos. Assim, o câncer de pele decorreria da exagerada e inadequada exposição aos raios solares, o de pulmão ao hábito de fumar, a cirrose hepática ao alcoolismo e assim por diante. Quando se fala em fatores de risco para doenças do coração, o que primeiro vem à cabeça são situações como o colesterol elevado, a pressão alta, fumo, sedentarismo, obesidade e estresse. Todas, sem dúvida, predisponentes para a ocorrência da arterosclerose e, portanto, da angina e do infarto.

Mas entender o adoecimento - seja qual for a doença - apenas como resultado de algo que, vindo de fora, agride o organismo, constitui-se em perigosa e equivocada simplificação. As razões interiores são, a meu ver, as mais importantes, embora, paradoxalmente, as mais negligenciadas. Os efeitos nocivos do estresse, por exemplo, decorrem muito mais da forma pela qual com ele as pessoas lidam que do fato real que lhe deu origem.

Embutida nas razões interiores do adoecer - inclusive no próprio estresse - existe um fator que, embora conhecido de todos nós - quase nunca

é lembrado, até porque tendemos a não reconhecê-lo em nós mesmos: é a inveja. A inveja, junto com o ódio, é o mais destrutivo dos sentimentos. É também, por mais que tendamos a negá-lo, o mais presente em todos nós.

A inveja a que me refiro não é o natural e humano desejo de ter ou ser o que alguém, próximo ou distante, tem ou é. É, sim, aquela amarga sensação de desconforto e mal-estar que nos invade quando confrontados com o sucesso alheio e com o que de bom possa estar acontecendo a outra pessoa. É, também, a camuflada satisfação pelo que de ruim ocorra com o objeto da nossa inveja.

Vivemos numa sociedade na qual se estimula a competição. Em decorrência, o objetivo maior de cada um não é a consecução das suas próprias aspirações, mas o desejo, a necessidade, a compulsão de colocar-se num plano superior ao da média das outras pessoas, de chegar aonde a maioria não chegou.

Nos dias em que hoje vivemos, a vida virou um jogo desarrazoado, na qual a busca desesperada por dinheiro, prestígio e poder transformou todos nós em rivais e potenciais inimigos uns dos outros. O grande absurdo desse jogo, a sua maior insensatez, é que as pessoas se

angustiam, desgastam-se e adoecem em face da necessidade doentia de provar aos outros que "venceram na vida", e de exibirem o que entendem como símbolos desta vitória. Vivem em função do conceito e da opinião dos outros e não para si mesmos.

Parte integrante desta cultura e prima-irmã da vaidade e da ambição neurótica, a inveja é um sentimento corrosivo que nos envenena a alma, enfeia a vida, conturba as relações pessoais e faz sofrer o coração. A presença e magnitude da inveja dentro de nós é inversamente proporcional à nossa paz interior. E a ausência dessa agradável sensação de estar em paz consigo mesmo e com o mundo é, sem dúvida, o maior fator de risco para todas as doenças, não somente as do coração.

Livrar-se da inveja e da necessidade de ser melhor que os outros, sentir-se em paz consigo mesmo, aceitar-se como se é, são, portanto, elementos de fundamental importância para preservar a saúde e a vida.

(Especial para Fato e Razão).

@ Concordamos com o autor? A carapuça nos assenta bem? Conhecemos casos em que a inveja é evidente, na nossa família, comunidade, cidade?

@ A relação entre inveja e saúde, exposta por um médico, nos parece surpreendente?

@ O que devemos fazer para não nos deixarmos envolver na tentação inconsciente e doentia da inveja?



Conselho de um ancião saudável: "Comer a metade, andar o dobro e sorrir o triplo".

Armas achadas e balas perdidas.

Helio e Selma Amorim
Editores de Fato e Razão

O General exhibe uma amostra das sete mil armas apreendidas pela polícia do Rio de Janeiro neste ano. São de fazer inveja a exércitos e polícias de muitos países ou de forças revolucionárias de outros. Há metralhadoras de tipo avançado e alto poder de fogo, lança-granadas capazes de vencer a blindagem de carros policiais e uma impressionante variedade de sofisticadas armas pesadas, além de todo tipo de pistolas e revólveres. Só que essas sete mil armas achadas não devem ser mais que uma pequena amostra do arsenal escondido em mãos nada confiáveis.

Ora, essas armas não são objetos de adorno ou curiosidades para colecionadores. Existem para ser usadas, e o são com frequência assustadora. Os disparos que se ouvem a cada momento nas disputas entre quadrilhas de traficantes enviam aos ares milhares de balas de todos os calibres e alcances. Muitas têm destino certo: a cabeça do inimigo. Outras aparentemente se perdem. Acontece que, por uma

persistente e irrevogável lei da física, cada bala disparada só pára quando encontra um obstáculo resistente intransponível ou se o atrito do ar vence o impulso inicial depois de um considerável trajeto sem obstáculos. Se disparada para cima, como costuma fazer a polícia, pior o efeito. Porque a bala que sobe, tem que descer. E chega de volta com uma velocidade mortífera, pela ação da gravidade.

Diante dessa realidade que combina as leis da física com o porte de milhares de armas poderosas em mãos de criminosos, ainda temos que dar sofridas graças à lei das probabilidades que limita a menos de uma centena os casos de pessoas mortas ou feridas por balas perdidas neste ano no Rio de Janeiro.

Portanto, numa conclusão acaciana, acabar com balas perdidas, passa por desarmar a população - e não só as quadrilhas. Aliás, o cidadão armado é, de fato, um fornecedor de armas aos bandidos. Porque se ele reage armado a um assalto, inevitavelmente perde o

confronto com o assaltante, sempre mais experiente, que, além de matá-lo, "em legítima defesa" (!), leva a sua arma como troféu e reforço do seu arsenal pessoal.

A Inglaterra acaba de impor uma lei drástica: passa a ser proibido o porte de arma sob pena de até 10 anos de prisão. Até abril do ano que vem, todo cidadão que possuir uma arma se obriga a entregá-la à polícia, sendo indenizado pelo governo. A única exceção serão os troféus de guerra guardados por veteranos, e os clubes de tiro, uma das excentricidades tipicamente inglesas...

Não há outra saída para acabar com tiroteios e balas perdidas. Uma lei desse gênero terá que ser draconiana, radical, com penas redobradas para o contrabando de armas e a denúncia dos países exportadores, que fabricam e inundam o mundo com essas máquinas de morte. Nos Estados Unidos, há mais de 200 milhões de armas de fogo em poder da população! Com o mercado interno saturado, as fábricas desse e de outros países buscam o mercado externo, e dá no que dá. Acordos internacionais devem ser firmados para restringir a governos a importação de armas destinadas ao aparato oficial de defesa dos cidadãos.

Populações assustadas com essa realidade se tornam paranóicas e começam a alimentar mitos perigosos. São subprodutos preocupantes. Uma pesquisa recente,

O desarmamento da população, como fez a Inglaterra, é factível e o clima para a aprovação de uma lei nesse sentido é hoje favorável.

realizada por uma entidade internacional confiável, constatou uma tendência crescente de apoio a soluções militares autoritárias para problemas que as democracias não estão conseguindo resolver, em países da América Latina, inclusive no Brasil. Uma espécie de nostalgia das ditaduras que cobriram de sangue, medo e vergonha nossos países nas últimas três décadas. No Rio e em São Paulo, a violência põe na boca de cidadãos, em entrevistas de rua, a idéia de que é preciso "botar o exército nas ruas". Já vimos esse filme. A teatral e desastrosa



invasão militar das favelas no Rio, há dois anos, não resultou em nada que valesse a pena. E o gosto por operações coreográficas desse tipo, apoiadas pela população, sempre representam uma tentação para alguns militares de fazer algo mais pela nação...

Portanto, embora não seja a única medida para enfrentar o problema das balas perdidas, cujos componentes econômicos e sociais (miséria, fome, desemprego, cultura da violência pelos MCS e tantas outras) temos denunciado com insistência, parece-nos que neste

Acabar com balas perdidas passa por desarmar a população. O cidadão armado é um fornecedor de armas a assaltantes que, mais hábeis, sacam mais rápido, matam e levam a arma.

momento o desarmamento da população é factível e o clima para a aprovação de leis dessa natureza é favorável. Por que não tentar?

@ *A violência é um problema real em nossa cidade? Que fatos confirmam ou desmentem esse problema?*

@ *Quais são, a nosso ver, as causas reais da violência nas cidades e no campo? Exemplos que confirmem as causas apontadas.*

@ *Que medidas de ordem pública devem ser tomadas para fazer frente a diferentes formas de violência?*

@ *Como podemos atuar sobre as causas e efeitos da violência? Na família, na sociedade, nos organismos e movimentos existentes na cidade?*



Igreja argentina pede perdão por omissão durante a ditadura: "Houve grupos, entre os quais se incluíam muitos filhos da Igreja, que responderam ilegalmente à guerrilha de uma maneira imoral e atroz, que nós envergonha a todos(...) pelo que pedimos humildemente perdão a Deus e a nossos irmãos", diz o documento aprovado com 71 votos na reunião dos 75 bispos argentinos. Nessa reunião, em abril do ano passado, o atual cardeal primaz da Argentina, D.Raul Primatesta, sentenciou: "Se algum sacerdote participou de sessões de tortura, ou se sabia delas e não as denunciou, pecou gravemente e não deveria mais exercer o sacerdócio". D.Juan Carlos Arámburu, cardeal primaz da Argentina durante os anos da ditadura, completou e rebateu intervenções justificadoras, afirmando em plenário: "Não podemos dizer que não sabíamos o que estava acontecendo". Dentre os 9 mil mortos ou desaparecidos, 30 foram os sacerdotes ou religiosos católicos sequestrados, torturados ou mortos durante a ditadura argentina.

As CEBs e as seitas

Dom José Maria Pires

O crescimento acelerado que se verifica no Brasil das Igrejas protestantes de linha pentecostal vem causando preocupação às Igrejas tradicionais, especialmente à Igreja Católica, a mais atingida pela saída de seus membros. O sucesso das chamadas *seitas* é visto como um grave problema. Este sucesso possui uma série de advertências tanto para a Igreja Católica como para as Igrejas evangélicas tradicionais e convida a uma profunda revisão.

Analisando com serenidade o fenômeno da difusão das *seitas*, registramos um benefício em favor do povo: mais pessoas passaram a ler a Bíblia e a buscar na Palavra de Deus uma orientação clara e segura para suas vidas. Diz-se que é uma leitura ao pé da letra e sem nenhuma relação com o nosso tempo. Pode ser. Mesmo assim é benéfica porque faz pensar e provoca mudanças de comportamento: abandono de vícios e da violência, dedicação séria ao trabalho, a procura de uma vida familiar saudável. Os católicos que deixaram a sua Igreja e agora estão nas *seitas* não se tornaram piores cidadãos nem cristãos relaxados. Ao contrário, melhoraram sensivelmente suas condutas e sua participação

ativa na nova comunidade eclesial a que passaram a pertencer.

Mais preocupante para a Igreja deve ser o avanço da indiferença religiosa. É cada dia maior o número de pessoas batizadas para as quais Deus não tem importância. Mantêm alguns hábitos religiosos, como missa, batizado, primeira comunhão, casamento religioso, devoções mas, fora isso, Deus não existe e não influi em seus negócios, em suas atitudes e opções políticas. Não encontram um momento para a oração pessoal, não rezam em família e a Palavra de Deus não é um referencial para o seu comportamento. A modernidade estabeleceu outros deuses (o dinheiro, o prazer, o poder), outros templos (os bancos) e outros altares (a competição e o consumismo).

Esse é o grande desafio para as Igrejas: como levar as Boas Notícias de Deus ao coração da modernidade? Como impedir o avanço da descristianização e recuperar o terreno que ela invadiu?

Nos meios populares, não são as Igrejas tradicionais católicas e evangélicas que estão recuperando os distanciados: são as Comunidades

Eclesiais de Base e as chamadas *seitas*. Igualmente as Igrejas tradicionais não respondem adequadamente à dupla fome do povo: fome de pão e de Deus, enquanto as CEBs e as seitas atendem melhor aos anseios das classes mais humildes.

Fome de Deus

As Comunidades Eclesiais de Base conseguiram identificar os dois pontos de sua espiritualidade: a Palavra de Deus e a realidade. Não há comunidade que não preze a Palavra de Deus, que não a leia e comente nas suas celebrações, que não procure difundir a Bíblia em todos os lares. Essa descoberta da Bíblia como a carta de Deus para seu povo, tem permitido aos mais simples vivenciarem a experiência do Deus que faz aliança com os pequenos, do Deus que caminha com a comunidade, um Deus próximo da gente, um Deus que fala diretamente com a gente e escuta cada um. Um Deus que fala na Bíblia, mas que também se revela nas pessoas com quem convivemos, nas situações, nos acontecimentos.

A CEB proporciona um nível de participação pessoal muito superior ao que oferecem as Igrejas tradicionais. Nestas, a participação se limita ao canto, às orações, aos salmos responsoriais e às procissões. Na comunidade de base é diferente. Todas as decisões são tomadas por aprovação de todos, inclusive a

Nas CEBs o nível de participação pessoal é muito superior ao que oferecem as Igrejas tradicionais: todas as decisões são tomadas por aprovação de todos.

distribuição de serviços e ministérios, até mesmo o ministério de dirigente ou coordenador. Todos participam nas celebrações, desde a sua preparação. Todos podem tomar a palavra e partilhar suas angústias, suas alegrias e esperanças, suas experiências de Deus. Retornam para casa ou para o trabalho revigorados, saciados em sua fome de Deus.

As Igrejas pentecostais levam vantagem sobre as CEBs porque têm pastores reconhecidos por autoridades superiores, o que lhes confere confiança perante os fiéis e lhes dá segurança na comunidade. As CEBs, porém, são mais democráticas, o poder é partilhado. As CEBs são mais frágeis do que as Igrejas pentecostais. Falta-lhes o reconhecimento formal por parte do restante da Igreja, das dioceses. Dependem da boa vontade do pároco ou do bispo. Se um ou outro não aceitar, dificilmente conseguirão sobreviver por muito tempo. Se as CEBs são um "*novo modo de ser Igreja*" e se elas estão atingindo as camadas populares mais e melhor do que a paróquia, é preciso apoiá-las, incentivá-las, respeitando-lhes a autonomia.



Fome de pão.

Se em décadas passadas a Igreja ergueu sua voz contra a tortura e outras violações dos Direitos Humanos, hoje ela não pode omitir-se e silenciar diante da fome, do desemprego, da falta de escola, da precariedade da assistência à saúde. E a palavra tem que ser ação. Ora, as CEBs têm sido a expressão mais forte dos sofrimentos do povo no coração maternal da Igreja. É nas CEBs que os simples têm oportunidade de falar durante as celebrações e de fazer suas preces. O que eles pedem? Quase sempre só o que se refere às necessidades da vida:

saúde, comida, trabalho, cura das doenças, tranquilidade, conversão de um parente viciado na bebida ou no jogo, etc. Essas súplicas refletem uma realidade que todos conhecem. Isso desperta a compaixão, e a compaixão leva à solidariedade.

Em algumas comunidades ligadas ao pentecostalismo se explora até ao exagero o dom da cura e pouco se utilizam os meios naturais colocados por Deus a serviço dos humildes. A curto prazo, essas igrejas ou *seitas* ganham das CEBs nesse campo e atraem um número muito grande de pessoas que vêm somente em busca de seus interesses. As CEBs, porém, utilizando sabiamente as duas fontes: as

celebrações, as bênçãos, as rezas, mas também os chás, a terra, o sal, as sementes, folhas e raízes, têm muito mais possibilidades, a médio prazo, de dar resposta adequada às necessidades diárias do povo que tem fome de Deus e fome de pão.

Outra questão é a abertura das CEBs às expressões da cultura popular, o que não acontece nas *seitas* e igrejas pentecostais. Elas rejeitam imediatamente tudo o que possa ter semelhança com o candomblé ou mesmo com as devoções populares: reza, procissões, romarias, festas religiosas. A cultura popular, tão influenciada pela cultura religiosa trazida da África, faz viver uma experiência de Deus a partir da emoção e não do palavreado difícil. O povo dos pobres se encontra e se reconhece como Povo de Deus muito mais nessa forma de relacionamento com o Senhor do que nos esquemas das Igrejas tradicionais ou mesmo das pregações das *seitas*.

Pistas pastorais

A minha pouca e limitada experiência pastoral no Nordeste me permite sugerir algumas pistas pastorais:

- Não ter medo do fenómeno do crescimento do que se está chamando de *seitas*. Por que temê-las? Se nelas existem exageros, fanatismo, exploração dos sentimentos... são falhas que terão vida curta. Se nas *seitas* não

Não temer o crescimento das seitas: se nelas não houvesse valores religiosos e respostas aos anseios do povo, não estariam conseguindo atrair tanta gente.

houvesse valores religiosos e respostas aos anseios do povo, elas não estariam conseguindo atrair tanta gente.

- É preciso uma **comunicação melhor**. Nossa comunicação é pobre, se resumindo quase só na palavra: sermões, catecismos, reuniões de formação. Usamos pouco os gestos, a música, a expressão do corpo, os símbolos, o teatro. Mandamos a mensagem e não pedimos o retorno. Não ficamos sabendo se a mensagem foi entendida. O que comunicamos nem sempre é a palavra de que os ouvintes necessitam. É necessário também que toquemos mais nas emoções, que é o que faz o nosso povo se mexer. Por fim, a nossa comunicação tem que valorizar cada pessoa, individualmente. Cada pessoa precisa sentir-se acolhida e amada. Isso é experiência de Deus, porque "Deus é amor". Cada pessoa precisa sentir-se útil, encontrar oportunidades e espaços para o engajamento na comunidade eclesial e no mundo. Isso é transmitir a experiência de Deus fazendo o outro feliz.

- A valorização dos pequenos é uma necessidade. As CEBs são uma resposta simples e concreta à necessidade que a Igreja tem de se comunicar melhor. É preciso dar-lhes condições para desenvolver seus talentos, acompanhá-las, estimular-lhes a criatividade.

- Para uma Igreja que sempre se considerou única e verdadeira, fora da qual não haveria salvação, não é fácil para ela **abrir-se ao ecumenismo**. Se bem entendido, o ecumenismo não descaracteriza nem esvazia as CEBs, não as leva a uma falsa paz com as outras expressões religiosas. Ele

Melhorar a comunicação: usamos pouco os gestos, a música, a expressão do corpo, os símbolos, o teatro. Mandamos a mensagem e não pedimos retorno.

produz, como já está produzindo, um respeito afetuoso para com as outras Igrejas e para com seus membros. O ecumenismo leva, como já está levando, ao engajamento, lado a lado, nas causas populares e na defesa dos Direitos Humanos.

@ É real o crescimento das chamadas "seitas" na nossa cidade? Se é verdade, que explicações podemos dar a esse fenómeno?

@ Como avaliamos a linguagem, as liturgias e as formas de celebração da Eucaristia, na missa e dos demais sacramentos da Igreja? São adequadas? Atraem? Satisfazem? Criam um clima favorável à sua compreensão? Despertam a atenção? Favorecem a participação e a expressão de sentimentos e afetividade? São prazerosas e provocam alegria? Alimentam a esperança? Aprofundam a fé? Estão ancoradas na realidade em que vivem as pessoas? Celebram a vida real e concreta do povo?

@ Se alguma coisa não está bem, o que deveria mudar? Que idéias temos para fazer das práticas religiosas momentos simbólicos fortes e marcantes, respostas verdadeiras à busca de humanização e solidariedade cristã?



Homenagem a D. José Maria Pires na Câmara dos Deputados: Em sessão solene, em 10 de dezembro de 1996, o querido Arcebispo foi homenageado por sua vida comprometida com a luta pela justiça social, contra toda violência, sempre a favor dos oprimidos. D. José Maria Pires colaborou para se chegar à reforma agrária, atuando na CPT - Comissão de Pastoral da Terra, manifestando-se contra o arbítrio. Protestou sempre contra a tortura e o fechamento do Congresso durante o regime militar, o que lhe valeu perseguições e campanhas difamatórias do sistema. Lutou pela redemocratização e pelas eleições diretas.

Os Talentos

Mt. 25,14-30; Lc. 19,11-27.

Deus teria inúmeras maneiras de distribuir seus dons. Se fosse um tímido, se se prendesse a julgamentos precipitados e sem base, repartiria seus dons em doses rigorosamente iguais para todos. Ninguém se poderia queixar: ninguém teria nada a mais, nada a menos. Tudo numerado, etiquetado, registrado...

Seria indigno da imaginação criadora do Pai. Seria de incrível monotonia, como se todas as criaturas humanas tivessem o mesmo rosto ou todas as flores tivessem a mesma forma, a mesma cor o mesmo perfume.

Deus aceita o risco de parecer injusto. Ninguém deixa de receber, pelo menos, o indispensável. Mas há quem receba com largueza estonteante. No caso, aludimos às verdadeiras riquezas: às riquezas interiores. E há os ricos de dons divinos, os privilegiados da graça.

Deus parece injusto, mas não é. Pede mais de quem recebe mais. Quem recebe mais, recebe em função dos outros. Não é maior, nem melhor, é mais responsável. Deve servir mais. Viver para servir.

Há talvez quem se apresse em dizer - e, perdoe, sem muita convicção e sinceridade - que o seu caso

Dom Helder Câmara

é o de quem recebeu, se recebeu, apenas o essencial.

O que importa não é pesar, medir, contar os dons recebidos. Não é ter recebido muito ou pouco. Importante é a firme decisão interior de responder ao máximo, e de servir.

Deus, pensando em todos, chama alguns. Decide-os a pular no escuro, a partir caminhar. Prova-os, através de sacrifícios terríveis. Mas sustenta-os, encoraja-os. Dá-lhes a missão arriscada e bela de ser instrumentos de chamadas divinas. Encarrega-os de ser presença discreta na hora decisiva das opções. Deles faz animadores de caminhadas de outros, e muito outros. Torna-os sinais de Deus, quando surgem as provas.

Abraão foi chamado por Deus. Não vacilou um instante. Partiu. Caminhou. Enfrentou provas difíceis. Aprendeu, à própria custa, a despertar irmãos, em nome de Deus. A chamar, a encorajar. A pôr em marcha...

Judeus, Cristãos e Islamitas conhecem-lhe a história. Como se chamará, dentro das outras grandes religiões, o Pai dos crentes, o animador das caminhadas?...

Abraão recebeu muito? Respondeu muito. Respondeu ao máximo. Serviu.

Permitam os não-islamitas, os não-cristãos, os não-judeus que, pensando nas minorias chamadas a servir, nós as chamemos de Minorias Abraâmicas. Nada impede que cada raça e cada religião lhes dê nome equivalente e que mais corresponda ao próprio gênio religioso e à própria tradição.

Não pense, meu irmão Humanista Ateu, que esteja esquecido. Vá traduzindo em sua linguagem o que digo na minha. Onde falo em Deus, quem sabe, você traduza por Natureza ou Evolução...

Se sente, no íntimo o desejo de responder às qualidades que possui, se o egoísmo lhe parece estreito e irrespirável; se experimenta fome de verdade, de justiça e de amor, saiba que pode e deve caminhar conosco. Sem saber e, talvez, sem querer é nosso irmão ou nossa irmã. Aceite a nossa fraternidade: nós nos entenderemos e poderemos caminhar juntos.

@ *Que talentos Deus nos terá dado? Para que serviços à humanização temos mais jeito? O que nos agrada fazer em benefício dos outros?*

@ *Temos feito render nossos talentos? Ou os enterramos para "protegê-los"? O que e quanto estão rendendo hoje os nossos talentos? Como? Podem render mais? de que maneira?*



Por que são necessárias as pressões populares: "O Príncipe nunca estará propenso a mudanças porque os prejudicados logo sentirão os prejuízos enquanto os beneficiados custarão a desfrutar dos benefícios das mudanças". (Maquiavel).

Já notaste quem anda enterrando talentos?

*Não é mais apenas
quem recebeu um só.
Os que ganharam cinco e dez
ao invés de trazerem dez e vinte,
aprenderam comodismo,
ou falsa prudência
ou humildade falsa
e estão chegando como partiram
- sem frutos nas mãos.
Não chames ainda
à prestação de contas.
Aguarda um instante
enquanto saio gritando
na tentativa de acordar meus
irmãos.*

(de "O Deserto é Fértil", de D. Helder Câmara)

Justiça e Paz na Terra.

Mensagem dos Bispos do Conselho Permanente da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em 28 de novembro 1996

"Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade". (Lc 2,14)

Um passo importante para a paz na terra será dado em nosso país se for implantada, sem demora, a verdadeira e justa **reforma agrária**, junto com a adequada política agrícola, que a sociedade espera.

De fato, a **reforma agrária** no Brasil é um sonho antigo, cuja realização se tornou agora indispensável. Que ela não seja frustrada por falta de colaboração adequada de todos os que têm responsabilidades por sua realização.

Por isso, no final do ano em que o triste massacre de Eldorado do Carajás sacudiu nossas consciências e apontou com ainda maior clareza a urgência da **reforma agrária**, reiteramos nossos apelos com a contundência das palavras do Papa: "No Brasil, a **reforma agrária** não pode fracassar". Mas para que ela não fracasse, é necessária a colaboração responsável de todos.

Vivemos um momento propício para que finalmente se

efetivem medidas concretas de **reforma agrária**. A sociedade brasileira percebe, como nunca, sua necessidade, reconhece a legitimidade dos movimentos populares que lutam pela terra e condena a intransigência dos setores que querem, a qualquer custo, manter seus injustos privilégios.

Apelamos ao Congresso Nacional para que aprove, sem protelações, os projetos de lei que se destinam a agilizar o processo de reforma agrária que se encontram paralisados no Senado Federal, como é o caso do **rito sumário** para as desapropriações e das **liminares**.

A Medida Provisória sobre o **Imposto Territorial Rural (ITR)**, se efetivada dentro dos seus objetivos, pode se tornar instrumento eficaz de destinação da terra à sua finalidade social.

Com o reconhecido empenho em resolver os conflitos localizados, esperamos que o Governo todo

O drama dos sem-terra em todos os recantos do país comove e provoca a indignação no povo brasileiro, conseguindo, finalmente ocupar o lugar devido nos meios de comunicação, já invadindo até novelas de grande audiência.

assuma com convicção a causa da **reforma agrária**, na amplitude que ela possui para enfrentar o problema do êxodo rural, do desemprego, da fome e da exclusão social.

Como diversos juízes já demonstraram, é possível superar, no exercício do Poder Judiciário, uma visão legalista que absolutiza o direito de propriedade, e reconhecer o direito à vida e à integridade das pessoas pobres e desvalidas.

A mensagem dos anjos, em Belém, que recordamos em cada Natal, fala de paz na terra. Que ela não seja impedida por falta de boa vontade dos homens. Viver essa mensagem, nestes anos que preparam o grande Jubileu do Ano 2000, implica também efetivo empenho de todos nós, a fim de que na terra brasileira aconteça a paz, como fruto da justiça social e da concórdia entre os homens, nos lares e na sociedade.



CNBB e MFC coincidem

As questões suscitadas pelos Bispos nesta proclamação coincidem com algumas das medidas propostas e encaminhadas pelo MFC ao Presidente da República e a autoridades do Executivo e Legislativo, em junho de 1996, para uma verdadeira reforma agrária, destacadamente as que se referem ao rito sumário para as desapropriações e ao aumento do ITR para propriedades improdutivas. Essas medidas propostas pelo MFC e reclamadas pelos bispos brasileiros antes das votações, foram posteriormente aprovadas pelo Congresso Nacional e já estão promulgadas a Lei Complementar 88 de 23/12/96, para o rito sumário, e a Lei 9.427 de 26/12/96, para o novo o Imposto Territorial Rural.

ITR e Rito Sumário: a revolução que o MFC queria

Helio Amorim

Em junho do ano passado, o MFC enviou ao Presidente da República, Ministros e Parlamentares, uma proposição de dez medidas para uma verdadeira reforma agrária no Brasil. O texto circulou nas bases do MFC e foi publicado em Fato e Razão. Autoridades do governo acusaram recebimento e encaminhamento do documento aos setores responsáveis pela reforma agrária.

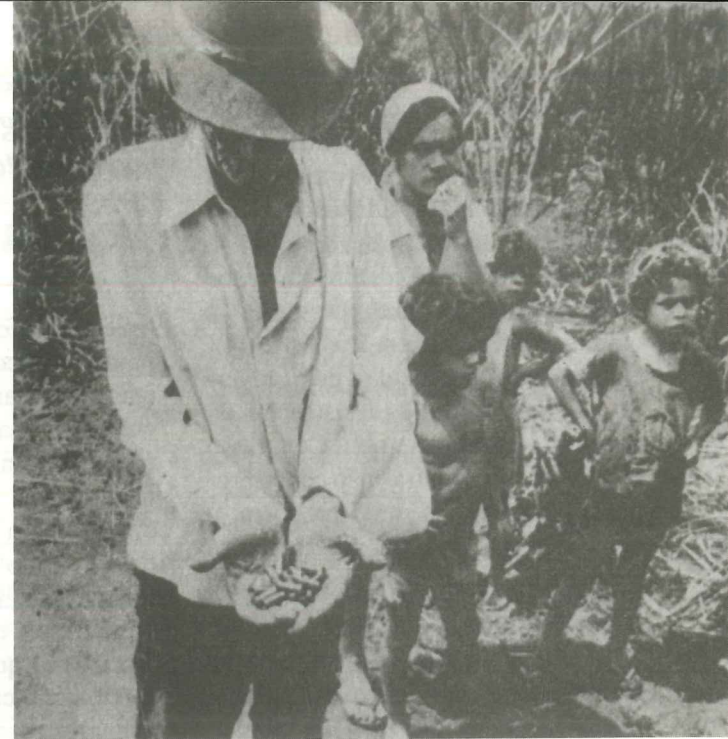
As medidas básicas propostas pelo MFC foram: (1) a taxação severa das propriedades rurais improdutivas através do ITR - Imposto Territorial Rural, para provocar a sua desvalorização, e a ampla oferta de terras por baixo preço, reduzir os custos das desapropriações, e induzir ao cultivo e à produção agrícola nas propriedades improdutivas, com geração de empregos no campo, como única forma de fugir ao imposto elevado; (2) implantação de um rito sumário para as desapropriações, permitindo a imediata ocupação da terra desapropriada e assentamento das famílias sem-terra; (3) implantação e regulamentação de formas alternativas de assentamentos e uti-

lização das terras, em forma de comodato ou locação, não só para famílias individualmente mas coletivamente, para comunidades ou cooperativas, para permitir a racionalização da produção, com aquisição de equipamentos de uso comum ou partilhado e comercialização mais favorável da produção.

Outras proposições completam o plano preparado pelo MFC. Mas aquelas são as básicas.

Nas últimas semanas do ano, como presente de Natal para os brasileiros, o Congresso Nacional aprovou o rito sumário e o novo ITR, com a taxação pesada das propriedades improdutivas, provocando imediato mergulho nos preços da terra, em todo o país. O governo anuncia que as próximas medidas serão a regulamentação de outras formas de uso da terra, criando a modalidade de "leasing" - uma forma de aluguel com opção de compra - e o estabelecimento de normas legais para a produção agrícola associada (entre proprietários e meeiros, por exemplo), para garantir os direitos

Agricultores são expulsos e mostram as cápsulas das balas disparadas por jagunços nessas operações que muitas vezes terminam em chacinas.



dos agricultores nas relações com os donos das terras, estes agora pressionados pelo imposto que é inversamente proporcional à sua utilização produtiva. É o que o MFC reclamava em sua proposta.

O ITR passa a incidir sobre o valor da propriedade, definido pelo próprio proprietário. Se o valor informado for inferior ao verdadeiro valor de mercado, o proprietário ficará sujeito a pesadas multas e o governo terá o direito de desapropriá-la pelo valor declarado, sem chance de reconsideração. Além disso, em caso de venda, tanto de propriedades produtivas como improdutivas, o Imposto de Renda incidirá sobre o lucro, calculado como a diferença entre o valor declarado e o valor da transação, o

que torna arriscado falsear valores.

Se os donos das grandes propriedades improdutivas, taxadas com o ITR de 20% ao ano, deixarem de pagar o imposto por 5 anos, a dívida será igual ao valor da propriedade, com o que o governo tomará posse da mesma, automaticamente, e o proprietário ainda ficará devendo os encargos financeiros dos atrasos ou do não-pagamento do imposto.

É claro que não vamos afirmar que estas coisas aconteceram porque o MFC as propôs... Órgãos técnicos do governo já estudam medidas desse tipo há muitos anos. E a mola propulsora foi o Movimento dos Sem-Terra, o MST, com as suas invasões e algazarra, com seus mártires e lideranças corajosas, ocupando a mídia e mobilizando a opinião

pública. Mas os apoios da Igreja, das organizações da sociedade civil e, dentre outros, o MFC, contribuíram certamente para a elaboração dos mecanismos mais adequados que tornassem viável o sonho da revolução fundiária, dentro dos ritos democráticos. A pressão sobre a classe política favoreceu as negociações bem conduzidas pelo governo, que quebraram as resistências da bancada ruralista no Congresso Nacional, na contra-mão das propostas neoliberais que propõem e acreditam na solução de todos os problemas pela mão invisível do mercado.

Hoje, estão disponíveis as ferramentas mais eficazes para a

As pressões devem continuar para assegurar que essas ferramentas sejam usadas de fato.

esperada reforma agrária que poderá mudar radicalmente a cara do país em poucos anos. As pressões devem continuar, para que tais ferramentas sejam usadas de fato. E que as ferramentas adicionais sejam produzidas para dar a máxima agilidade e efetividade à política agrária agora realmente viável. O MFC tem o seu papel nesse esforço. Parece que isso tem algo que ver com um certo Reino, anunciado há dois mil anos.



Reforma agrária e educação transformaram nações: A Coreia saiu arrazada de uma guerra insana, com metade de sua população analfabeta e faminta, e em 20 anos, tornou-se um dos mais ricos países do mundo, exportando tecnologias avançadas e dominando uma fatia grossa do mercado internacional. Nossas lojas e supermercados estão abarrotados de produtos coreanos. A mágica foi simples e corajosa: todos os investimentos públicos depois da guerra foram canalizados prioritariamente para a educação, e promoveu-se uma reforma agrária radical, como base para a recuperação do país. Os salários dos professores só eram inferiores aos dos ministros. Ninguém ficou sem terra para cultivar, pelo menos para subsistir. Passada uma geração, aí estão os resultados. A China e outros países seguiram o mesmo caminho. No Brasil, nas vésperas da virada de ano, dois acontecimentos promissores reclamados há muitos anos aconteceram no Congresso Nacional: a aprovação do novo Imposto Territorial Rural e do Rito Sumário para a desapropriação de terras improdutivas, ferramentas essenciais para a reforma agrária, comentada em artigo nesta edição; e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil (Lei Darcy Ribeiro), que deve revolucionar a educação em nosso país. Se implementadas as medidas aprovadas, poderá ser outro o Brasil dos nossos filhos.

“Se essa rua fosse minha...”

José e Beatriz Reis

De pés no chão

Vivemos dentro de um processo de mudanças tão radicais e tão profundas que talvez possamos considerar nosso tempo, não como uma “época de mudanças”, mas como uma “mudança de época”. O avanço que nessa época atinge a tecnologia muda concomitantemente nosso modo de ser, de pensar, de sentir e de nos relacionarmos com os outros.

Nosso modo de viver é reconstruído pela velocidade, fruto talvez do uso de computadores e faxes que desafiam nosso antigo ritmo de vida e de trabalho.

Ao mesmo tempo, o crescimento e a expansão desmesurada assumida pelo mercado transforma qualquer realidade, necessidade ou desejo humano em mercadoria - embora grande número de pessoas, ou mesmo grande maioria - não tenham possibilidades de satisfazer esses desejos e de se realizar dentro do quadro normal da vida de hoje.

Este fato constatado por qualquer pessoa que tenha olhos para ver gera um grande número de pessoas, de famílias, de comunidades e mesmo de países excluídos do que é

considerado hoje um processo de vida humana normal, sendo que, dentre esses excluídos, muitos deles levam uma vida de pobreza absoluta e procuram sobreviver atavés de setores de trabalho informal, mesmo que isto lhes traga pouco ou nenhum resultado positivo quando se trata de se sentirem incluídos dentro do sistema existente.

O contexto assim constituído questiona duramente nossos valores, antes tidos como inquestionáveis, nos fazem perder os antigos pontos de referência que antes orientavam e situavam nossa vida e que davam sentido e confiabilidade ao nosso modo de ser, de pensar e de agir.

Então a vida se torna, para essa grande maioria, uma luta constante pela sobrevivência. A lógica da sobrevivência do mais forte torna-se soberana, e aqueles que não conseguem competir e vencer têm que desistir de poder levar uma vida realmente humana tornando-se por isto mesmo, objetos descartáveis, sem vez e sem voz, verdadeiros “lixos da história”.

Os valores e a própria ética são substituídos pela instrumentabilidade que usa os homens como escravos do mercado e do progresso. Processos

que a eles conduzem tornam-se os novos pontos de referência e da valorização das pessoas, das famílias, das comunidades e dos países.

Em consequência surge uma crise ampla e profunda, considerada como crise da modernidade.

Por esse caminho vai caminhando o Brasil, nele adentrando-se cada vez mais profundamente, apesar de serem visíveis os estragos por ele causados, tanto nos países ricos quanto naqueles que, encantados com o poder desejado e perseguido, procuram seguir suas pegadas.

Aspectos da crise emergente

Sendo abandonadas, as maiorias excluídas se organizam unindo-se contra o inimigo comum, tomam de assalto o que por direito lhes pertence ou então, na desesperança mais total, afundam-se nas drogas que, ao menos por algum tempo, lhes dão a sensação de viverem plenamente.

Então, aspectos essenciais da vida humana, como por exemplo o trabalho e a família, perdem sua dimensão de fatores do crescimento e da maturidade humana, tornando-se o primeiro, apenas mero meio de sobrevivência, e o segundo, apenas fonte de gratificação pessoal de onde se espera um retormo imediato, conseguido sem luta, sem sacrifício e sem projeto de vida.

Isto faz que o amor perca sua dimensão de decisão significativa para a vida humana, não assuma sua importância e sua responsabilidade, tornando-se apenas uma expectativa

A crise: o trabalho se reduz a mero meio de sobrevivência, a família se pensa apenas como fonte de vantagens pessoais a conseguir sem luta e sacrifícios.

de novas sensações efêmeras e banais, talvez confundidas com uma felicidade e uma realização pessoal momentâneas. E a vida das famílias, originada por uma entrega de amor, transforma-se em luta competitiva que destrói o amor-fonte, transformando-o em obrigações consideradas desumanas e indesejáveis.

Análise e crítica da crise que se propaga

Essa busca incessante de progresso através do esquema de exploração-dominação costuma ser legitimada pela crença de que tudo o que tem valor deve ser colocado como instrumento a serviço de um plano de crescimento econômico que tem como referência, apenas a supervalorização do mercado.

Essa crise se torna mais ampla e mais perigosa à medida que as pessoas, as famílias, as comunidades, os países se dobram sobre si mesmos, negando e relativizando os valores essenciais, espinha dorsal de sua cultura. Caem assim, às vezes, na dissociação total entre o que consideram sua vida privada e sua vida pública, sobrevalorizando seus próprios direitos e interesses em de-



São evidentes os estragos produzidos por modelos econômicos que se irradiam dos países ricos, tanto naqueles próprios países como, mais gravemente, nos países pobres, em termos de exclusão social, pobreza e miséria de grandes contingentes humanos.

trimento do bem comum e das necessidades concretas das maiorias assim esmagadas e destruídas.

Daí parte-se facilmente para o descrédito dos valores e do progresso do conhecimento científico, para a perda de visão da dimensão social da vida e da solidariedade que lhe é consequente, para o desprestígio das diversas formas ou dos diversos estilos da educação formal e das instituições clássicas de ensino. Essa atitude de indiferença leva, concomitantemente, à recusa de se buscar um sentido e um significado para a vida.

Surge então a degradação existencial, o empobrecimento da capacidade humana de entusiasmar-se, de

maravilhar-se, de colocar-se a serviço de algum projeto que transcenda a busca de riqueza conseguida de modo tão desumano.

Chega-se assim à instalação de uma contradição capaz de levar à morte na busca de se encontrarem sensações cada vez mais fortes, capazes de gerar emoções imediatas, em sujeitos cada vez mais entorpecidos.

O crescimento da influência da mídia como fator de socialização contribui, na maioria das vezes, para a formação e a manutenção desse status, levando à desestruturação das pessoas e à formação de uma consciência fragmentada, incapaz de vislumbrar algo mais valioso que as

perspectivas por elas apresentadas.

Então, nesse contexto, tanto a família quanto a escola moderna perdem sua capacidade de transmitir ou de reproduzir verdadeiras imagens do mundo, bem como valores, modelos de ação e sentimento comunitário.

Como vimos no princípio desta reflexão, esse processo carrega em seu bojo novas formas de pensar e de situar-se o homem no contexto histórico e cultural que é hoje o nosso contexto, decorrente de uma lógica de eficiência e competitividade exigindo e incorporando novas formas de agir e de trabalhar, em vista de se conseguir a maior eficiência possível.

Com tudo isso, o homem moderno sente-se frustrado, pois o caminho que lhe é proposto mostra-se incapaz de satisfazer seu elán de viver e de ser feliz. Mostra-se incapaz de satisfazer as necessidades e os desejos humanos fundamentais.

Por não ser portanto capaz de se situar e resolver os grandes problemas da humanidade, levando, pelo contrário, à coisificação, à manipulação e à desumanização (mecanização) da vida humana, o atual modelo é contestado por diferentes movimentos que lutam pelo reconhecimento da dignidade do ser humano, pela aceitação e implantação de seus direitos fundamentais, negados pelos caminhos hoje adotados.

Não é difícil perceber a necessidade e a importância de analisarmos, descobrirmos e discutirmos os grandes referenciais que passam a

O modelo de sociedade atual é contestado por diferentes movimentos que lutam pela dignidade e direitos humanos negados pelos caminhos hoje adotados.

projetar e a construir a vida humana e que, paradoxalmente, levam à degradação existencial, tornando-nos incapazes, como vimos, de tomar conhecimento das perspectivas, dos desejos, das necessidades das maiorias oprimidas e excluídas.

Emergência de uma nova cultura

Podemos perceber hoje o começo da emergência de uma nova cultura, procurando superar as deficiências da modernidade, mas que pode transformar-se, se não bem elaborada, em novas formas de reducionismo.

Essa cultura emergente supõe novas formas de organização e de vida social, tornando possível a existência de um processo de luta contra a opressão e a dominação. Supõe a um processo que possibilite a procura de igualdade e a luta pela possibilidade de se conseguir, para todos, a realização de uma vida digna e humana.

Supõe que a pluralidade das culturas hoje existentes seja aceita e vivida, não como fragmentos pobres e sem importância dentro do contexto

mundial, mas como perspectivas válidas e valiosas, podendo levar a construção de novas sínteses criativas.

A emergência da nova cultura que se anuncia poderá superar a que hoje existe, sem negar, entretanto, seus verdadeiros valores.

Sinais dos tempos

A emergência da nova cultura está sendo anunciada pelo aparecimento e aceitação de novos paradigmas ou, usando outra linguagem, de novas percepções que se apresentam como novas possibilidades de se organizar a vida política, socio-econômica e religiosa de um povo determinado. Assim, novos procedimentos, novas técnicas poderiam ser colocadas a serviço de novos valores que não teriam possibilidades de subsistir e de serem reconhecidos e situados no contexto atualmente aceito e vivido.

Esses novos paradigmas demonstram a existência de uma tendência geral, apresentada às vezes pelas maiorias ou pelas massas, outras vezes pelas classes médias, visando à implantação de uma ou de várias mudanças fundamentais. Essas mudanças serão construídas, se o forem, não acontecem de repente, como num passe de mágica, mas lenta, progressiva e programadamente, de acordo com as possibilidades que se apresentam.

Vários e emergentes paradigmas se apresentam assim, hoje, já que os modelos religioso, sócio-político e

As mudanças necessárias não acontecerão de repente, como num passe de mágica, mas lenta e progressivamente de acordo com as possibilidades que irão surgindo.

econômico não se conseguem resolver os problemas que hoje se apresentam, não conseguindo também responder às perguntas e desafios que eles manifestam.

Alguns paradigmas emergentes

Dentre os vários paradigmas emergentes, vamos refletir, neste artigo, apenas sobre alguns deles, que são os que mais profundamente desafiam nosso contexto e nossa atual cultura: paradigma holístico, paradigma da práxis, paradigma histórico e paradigma da linguagem.

Começaremos a analisar, em primeiro lugar, o paradigma holístico que é o mais abrangente de todos. “É interessante notar que as palavras holismo e católica têm a mesma raiz, e significam o todo, a totalidade.”

Esta visão situa o corpo, a matéria e a vida como interligados, assim como a vida pessoal e a vida cósmica. Isto significa que somos todos membros de uma totalidade, todos solidários no mesmo destino, pois a parte (cada ser vivo, cada um de nós, está no todo), e o todo, por sua vez, está presente e vivo em cada

parte (ou em cada um de nós, em cada ser vivo).

Esse paradigma muda nossa visão do mundo, muda a posição e a concepção da missão do homem no cosmos, mudando, em consequência, nosso relacionamento com ele.

Esse paradigma opõe-se então ao nosso modo de pensar racionalista, mecanicista, individualista, em que o homem é visto apenas como instrumento de realizações parciais que interessam, não à visão das maiorias, mas a pequenos grupos mais fortes, capazes de sobreviver em ambientes desumanos e desumanizantes.

Abre então o paradigma holístico possibilidade de se criar um novo tipo de relacionamento entre o todo, (Deus e seu projeto ao criar o universo tal qual existe) e cada parte (cada tipo de vida, cada etapa da evolução dessa vida e cada vida dela conseqüente).

E nos demonstra ainda que, como escreve Leonardo Boff, "tudo o que existe, coexiste. Tudo o que coexiste, pré-existe. E tudo o que pré-existe e coexiste subsiste através de uma teia infundável de relações omnicompreensivas. Nada existe fora da relação. Tudo se relaciona com tudo em todos os pontos".

Esse paradigma leva ainda à possibilidade da existência, no futuro, de uma religião universal, em que Deus é percebido como aquele que tudo permeia, e que está vivo e presente em cada parte, em cada tipo, realização ou possibilidade de vida.

Os novos paradigmas levam à possibilidade da existência, no futuro, de uma religião universal, em que Deus, vivo e presente, é percebido como aquele que tudo permeia.

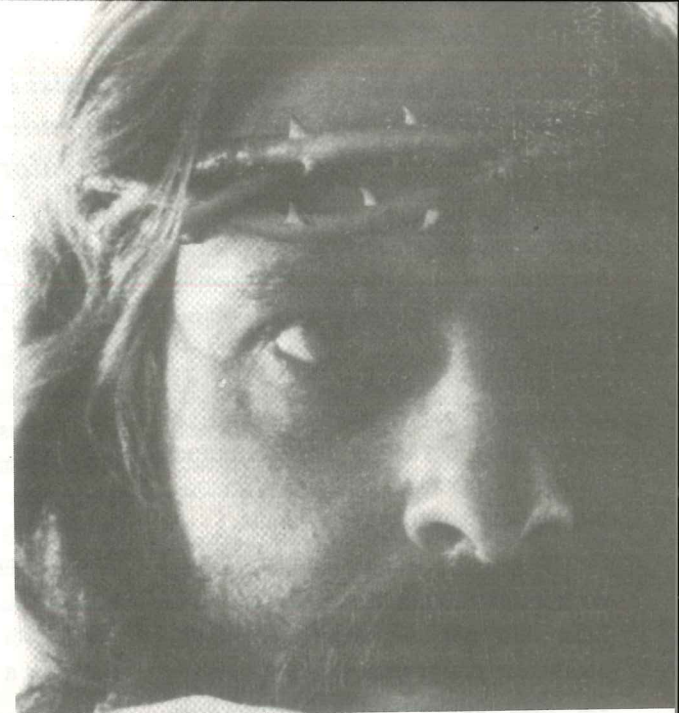
Talvez por isso, Jesus afirma: "O que fizestes ao menor dos meus, a mim o fizestes". Este não é um meio metafórico ou poético de colocar o problema, mas traduz a consequência de uma visão holística da humanidade.

Abandonando nosso modo ocidental de pensar, (racionalista, mecanicista, dualista) o paradigma da práxis se apresenta como ponto de partida e chegada da reflexão e exige tomada de posições concretas, diante dos desafios que nos apresenta a cultura desumana em que vivemos hoje, tanto nos países desenvolvidos quanto naqueles do terceiro mundo.

Esse novo paradigma tem despertado controvérsias e reações apaixonadas, sobretudo daqueles que consideram nosso atual tipo de cultura e de organização econômica, sócio-política e religiosa como realidades a serem defendidas e mantidas sem revisões e sem as reformulações necessárias. São os que, por vários e diferentes motivos, apoiam o status quo.

No entanto, o próprio magistério da igreja, no Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, afirma que a fé deve iluminar os cristãos, para que possam encontrar soluções verdadei-

Não é uma simples metáfora ou afirmação poética o que diz Jesus: "O que fizestes ao menor dos meus, a mim o fizestes". É na verdade uma tradução da visão holística da humanidade.



ramente humanas para os problemas dos homens.

Isso significa que o valor da práxis do cristão - e da teologia que lhe deu origem - é medida pela iluminação das perspectivas que a fé abre aos homens, pelas possibilidades que o exercício dessa práxis lhes oferece em sua luta para se realizarem como seres humanos. E ainda na possibilidade de oferecer a todos os seres humanos, de acordo com suas necessidades básicas, a possibilidade da construção de um mundo, de uma cultura que ofereçam a cada ser vivo tudo aquilo a que ele tem direito para se conservar vivo e realizado, de acordo com sua missão e sua vocação, no conjunto dos seres vivos - vocação essencial que se traduz no relacionamento mútuo e também no relacionamento de cada

homem e de suas comunidades com o Senhor que os criou e os situou em determinado tempo e lugar.

O paradigma da práxis abre caminho para o paradigma da história, considerada não apenas como lembrança e narração de um passado ou como fator secundário e sem valor no processo de evolução do homem e do seu pensamento. Ela é hoje vista como o lugar de sua vida, como fonte de desafios constantes que o interpelam e que exigem uma resposta traduzida em práxis (ação) e uma ressituação de sua pessoa com seus recursos e limitações, dentro de situações concretas e em geral conflitantes.

Este paradigma leva o homem a se descobrir e, ao descobrir-se, a se assumir como sujeito da história que, enquanto o condiciona, é condi-

cionada por ele.

Assumindo esta missão, descobre-se como co-criador da história, como seu analista e intérprete e, em consequência, como aquele, que em determinado momento, é chamado a interpretá-la, a criticá-la e a tentar reconstituí-la, de acordo com o plano de seu Criador.

Então, o homem vai assim se ressitando, vai se revelando, vai se construindo e vai ao mesmo tempo levando o processo histórico a encontrar sua dimensão transcendente.

É preciso tomar conhecimento, no entanto, como já vimos, de que tudo isto não se realiza instantaneamente, como num passe de mágica, mas supõe mudanças organizativas em todas as áreas da vida e da influência humana. O processo, em suas várias etapas, torna-se válido em si mesmo, e não apenas como instrumento para a consecução dos fins vislumbrados.

Essa nova visão da vida leva o homem a analisar e a ressuscitar o seu conceito e a sua maneira de ver a dimensão do sagrado. Antes, ele considerava sagradas coisas, lugares e tempos assim denominados e que se opunham ao profano, à sua vida cotidiana, ao seu trabalho normal de homem. A supervalorização do sagrado o levava a subestimar sua vida histórica e tudo o que a ela se ligava, como por exemplo, a vida familiar ou a vida sócio-política.

Ressituando-se, hoje, passa a valorizar tudo isso, dentro da visão holística que, sem destruir o sagrado, o coloca dentro da vida sob uma

Antes, a supervalorização do sagrado levava à desvalorização da vida histórica. Hoje, sem desvalorizar o sagrado, é outra a perspectiva do cristão

perspectiva diferente.

Entusiasmado com suas novas descobertas, o homem procura recriar, em consequência, sua linguagem, para que ela possa comunicar, sem traí-la, essa nova perspectiva, as mensagens e desafios que ela carrega. Esta é uma postura muito séria pois, se a cultura, seja ela qual for, cria sua linguagem, a recíproca é verdadeira: a linguagem, constantemente cria ou reforma a cultura. Por isso é importante notar que, para se tornar viável, a linguagem supõe comunidade de vida e de liberdade, supõe alguém que queira transmitir algo e alguém (ou alguma comunidade) que queira participar desta transmissão, analisando-a, discutindo-a, aceitando-a ou recusando-a, de acordo com sua própria perspectiva, mesmo quando esta é diferente da nossa.

Essa comunicação baseada no respeito do outro ou de outras comunidades, cria nova teia dialogal, desligando-se às vezes de instituições arcaicas e fechadas em si mesmas. Então o homem, assim conscientizado, reconhecerá e assumirá sua dimensão histórica como lugar de sua realização humana, social, política e religiosa, sem perder-se no

sonho de um futuro totalmente desligado desse presente, e do engajamento que essa vivência supõe, como muitas vezes acontece. Pois a construção desse futuro supõe, não apenas grandes e espetaculares movimentos, mas ações e práticas cotidianas e diversas lutas em campos diferentes, fruto de culturas diversas que valorizam aspectos diferentes da mesma dignidade humana fundamental.

E assim, passo a passo, irão nascendo o novo mundo onde viverá e atuará o homem novo, fonte e fruto dessa nova realidade que hoje tenta emergir.

E então?

Como dizia Juan Luís Segundo,

@ Como nos posicionamos diante das reflexões dos autores deste artigo? Percebemos na nossa vida cotidiana as mudanças identificadas?

@ Que esperanças nos trazem as mudanças que ocorrem no mundo moderno? Que riscos percebemos? Que papel nos toca nesse processo de mudanças?

@ Como vemos o mundo novo que surge para os nossos filhos e netos? Como os preparamos para darem respostas humanizadoras aos novos desafios e oportunidades que já se apresentam?



“O Assunto é Casamento”

Este manual não pode faltar nas estantes de quem trabalha com a preparação ao casamento. Os grandes temas geralmente pedidos pelos que vão se casar, nos encontros e cursos oferecidos pelos movimentos, são tratados exaustivamente, com sugestões didáticas apropriadas, metodologias mais participativas bem explicadas, bibliografia e muitas idéias interessantes.

*Pedidos à Livraria do MFC - Rua Espírito Santo, 1059 / 1109
CEP 30160-031 Belo Horizonte - MG - Tel.: (031) 222-5842.*

“os grandes profetas não se caracterizavam por propostas escatológicas. Não apenas viviam imersos na história, mas mostravam um Deus atuando nela e exigindo coisas que a modificassem”.

E então, descobrindo e assumindo nossa missão e entregando-nos à construção desse mundo novo, talvez sejamos capazes, não apenas de controlar, mas de fazer nossa canção de criança:

*“Se essa rua, se essa rua fosse
minha,
eu mandava, eu mandava
ladrilhar,
com pedrinhas, com
pedrinhas de brilhantes,
para o meu, para o meu
amor passar”.*



Mapas

Rubem Alves
Poeta, escritor.

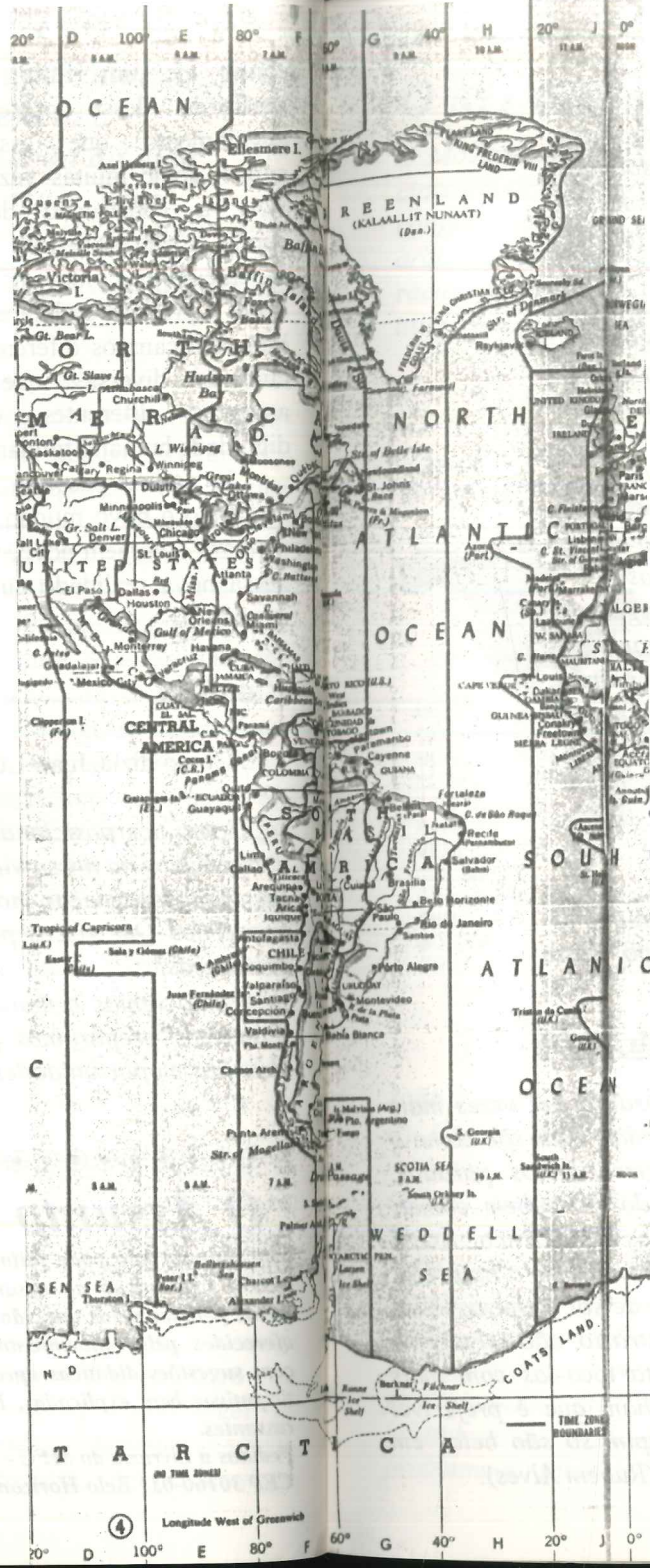
Olhei de novo a tela do Vermeer. O nome diz quase nada: "Mulher lendo uma carta". De fato, para aqueles que só vêem o que os olhos vêem, é só isso que está lá. De pé, uma mulher grávida, de perfil, bata azul, lê uma carta. Os lábios estão entreabertos e o rosto iluminado por um sutilíssimo, quase imperceptível sorriso. Ao fundo um enorme mapa da Europa e da Costa da África, que toma toda a parede.

As telas são como os sonhos. Nelas nada é accidental. Aquele mapa não está ali por acidente. O pintor ali o colocou por alguma razão. Na verdade, é a luz de sombra que ilumina a luz brilhante que ilumina a carta.

O que diz o mapa?

Não conheço nenhuma mulher que tenha permitido que um mapa de tal porte tomasse uma parede inteira da casa. Quadros, pratos e posters decoram muito mais. Mas aquele mapa não era só um mapa. Isso não está dito na tela. Há muitas coisas que os pintores não conseguem dizer. Coisas que eles só podem sugerir, na esperança de que o observador sensível veja o que não pode ser pintado. O essencial é invisível aos olhos. O que se vê nada é comparado com o que se imagina.

Imaginei que aquele mapa havia sido um presente de amor. Mais precisamente: de um amor que se preparava para a partida. Pois não é isso que o quadro está dizendo - que o homem que ela ama é um marinheiro que está longe, muito longe de casa, num lugar indefinido daquele mar imenso? Sim, ele deveria partir no dia seguinte. Mas não queria partir. Precisava deixar com aquela mulher que ele amava um pedaço dele mesmo. E, de fato, assim fizera: ela estava grávida. Isso o pintor pode mostrar. No abraço de



amor ele dissera: "Fico dentro de você!"

Mas isso não lhe bastava. Ele queria mais. Da distância, ele saberia sempre onde ela estava. Mas, e ela? Como saberia? Foi então que pensou no mapa. Comprou-o e trouxe-o. Ah! Estranho presente aquele! Abriu o mapa e os dedos foram desenhando rotas, indicando portos, marcando tempos. Aqueles seriam os caminhos da sua ausência. Assim, quando ela sentisse saudades dele, seus dedos de mulher grávida poderiam acariciar aquele mapa, como se ele fosse o corpo dele. São muitos os possíveis rituais eucarísticos: "Isto é o meu corpo".

Feliz a nossa linguagem em que a palavra carta tem duplo sentido. Enquanto não chegasse a carta ela poderia se consolar com a carta. Quando a separação acontece, os espaços entre os amantes se tornam mapas. O pintor Wesley Duke Lee, faz alguns anos, fez um trabalho a que deu o nome de Cartografia Anímica: a alma é um mapa. Gostei da idéia. E imaginei que os primeiros mapas não foram feitos pelo interesse numa descrição científica e abstrata dos espaços. Os primeiros mapas devem ter sido instrumentos de amor: sinais numa casca de árvore indicando o lugar do encontro. Até hoje é assim: só que usamos endereços e números de telefone no lugar dos sinais numa casca de árvore.

Os mapas, na sua condição mais profunda, são os desenhos que fazemos sobre o espaço vazio para tornar a separação menos dolorosa. Quando a minha mãe morreu - ela era uma velhinha de 93 anos de idade - meu irmão me contou que ele lidava com a sua ausência imaginando-a caminhando pelos espaços siderais.

Está dito também lá em O Pequeno Príncipe. Chegara a hora dele voltar para o seu pequeno mundo. Afinal de contas, no seu asteróide, havia um carneiro e uma rosa, que o aguardavam. Mas o seu novo amigo sofria com a separação. Ele queria que o príncipezinho ficasse. Foi preciso que o pequeno príncipe lhe explicasse:

"As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para alguns, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas a serem resolvidos. Mas todas essas estrelas são mudas. Tu, porém, terás estrelas como ninguém... Quando olhares para o céu, de noite, porque habitarei uma delas, então será como se todas as estrelas te rissem. E tu terás estrelas que sabem rir! Teus amigos ficarão espantados vendo-te sorrir para o céu. E tu explicarás: 'Sim, as estrelas sempre me fazem rir'. E eles te julgarão maluco..."

Assim são os mapas. Olho para vastos espaços. Identifico rios, montanhas, mares, cidades. Não me dizem coisa alguma. Não me produzem nenhum riso. Mas há uns poucos lugares que brilham como estrelas. São lugares onde moram pessoas que eu amei. Ou lugares onde eu fui feliz, vi a beleza, experimentei o amor. Cada um tem um mapa que é só seu. Imagino que, terminada a leitura da carta, a mulher voltou-se para o mapa e se pôs a sorrir enquanto as mãos iam deslizando pelos mares, continentes, cidades... Alguém que a visse nesse estado de êxtase concluiria que ela havia enlouquecido. É compreensível: somente os amantes sabem que os mapas facilmente se transformam em corpo. Basta para isso, que a despedida aconteça...



Sobre flores e vacas: "Acho as flores do capim-gordura mil vezes mais bonitas que as rosas. Rosas são entidades domesticadas. Elas são como o leite das vacas de estábulo, aquelas vacas enormes, olhos parados, obedientes. Jamais pensam um pensamento proibido, só sabem comer, ruminar, parir, dar leite que se vende em saquinhos de plástico. Assim também são as rosas, crescidas em estufas, nada sabem sobre a natureza, tal como ela é, ora bruta, ora brincante - protegidas de sol e chuva, todas iguais, bonitas e vazias. As flores do capim, ao contrário, são selvagens. Inúteis todos os esforços para domesticá-las. Basta tocá-las com mais força para que suas folhas se desfaçam. Elas acham que é preferível morrer a ser colocadas em jarra. As flores do capim só são belas em liberdade, tocadas pela brisa, pelo sol, pelo olhar". (Rubem Alves).

O MFC no mundo

O Movimento Familiar Cristão está presente em mais de 40 países, nos cinco continentes, como mostra este mapa. Em alguns, ele é muito grande, congregando milhares de famílias. Em outros são sementes ou delicados arbustos começando a crescer. Estão todos congregados na **Confederação Internacional de los Movimientos Familiares Cristianos**. Seus atuais presidentes são costarrriquenhos e os vice-presidentes, brasileiros.



João Paulo II esclarece posição sobre planejamento familiar: Falando na Cúpula Mundial da Alimentação, o Papa surpreendeu os representantes de 194 países presentes, afirmando: "É preciso renunciar ao sofisma de que sendo numerosos nos condenamos a ser pobres. Uma população numerosa pode revelar-se fonte de desenvolvimento, porque indica intercâmbio e demanda de bens. Isso, evidentemente, não quer dizer que o crescimento demográfico possa ser ilimitado. Cada família tem neste campo deveres e responsabilidades próprias, e as políticas dos Estados devem respeitar a dignidade da natureza humana como direitos fundamentais. Mas seria ilusório acreditar que uma estabilização arbitrária da população mundial ou sua redução possam resolver o problema da fome".

Fetichismo do carro

Frei Betto
Escritor

Considere-se um carro exposto numa das apresentações dos últimos lançamentos desses veneráveis objetos de consumo. É uma máquina movida a combustível líquido (resquício de dinossauros), e dotada de rodas, sobre as quais nos locomovemos de um lado para outro. Encurta distâncias e abrevia o tempo. Como meio de transporte, supera nossas pernas, o cavalo, a carruagem. E tem a vantagem da privacidade.

Por não ser barato, o carro é símbolo de status. Ter um não é apenas dispor de transporte próprio. Num país como o Brasil, cuja maioria da população é pobre, possuir carro é exibir em público um certificado de proprietário. Desde a Revolução Francesa, cidadão é sinônimo de proprietário. Quem não é proprietário não tem cidadania reconhecida.

Os não-cidadãos não andam de carro. Movem-se em trem, metrô ou ônibus. Como os políticos não usam transporte coletivo, não se interessam pelo direito de locomoção da maioria. Direito e dever pois, quebra-se trem não só pela precariedade dos serviços mas, sobretudo, pelo atraso que faz perder o ponto e o salário.

No Brasil, os maus políticos

sucateiam a rede ferroviária e, em benefício das companhias de petróleo e das montadoras, priorizam o que há de mais caro: o veículo automotor rodoviário como transporte de cargas e passageiros.

Não é assim na Europa e nos Estados Unidos, onde o trem predomina. Pena que aqui não se copie também o que há de positivo no Primeiro Mundo...

"Os cavalos tinham ordem de moderar a andadura", escrevia Machado de Assis, em *Esau e Jacó*. Hoje, o carro é a principal arma de assassinatos no Brasil: cerca de 50 mil pessoas morrem por ano em acidentes de trânsito. É o mesmo número dos soldados americanos sacrificados nos oito anos da guerra do Vietnã. E não se cassa a licença do motorista criminoso nem se abrem a ele as portas das prisões.

Se o governo promovesse uma campanha publicitária para reduzir a auto-estima de quem dirige acelerado, não respeita sinal nem faixa de pedestre e ultrapassa com imprudência, mudavam-se as estatísticas atuais.

O carro tornou-se um fetiche. Não basta possuir um. Almeja-se que seja de luxo, todo equipado e, de preferência, carimbado com uma



griffe que imprima valor ao motorista.

Isso mesmo: a mercadoria que valoriza seu proprietário. Com a idolatria do mercado, atingimos a inversão total. Pobres seres humanos que, despidos de griffes e adornos, não reconhecem valor em si mesmos!

A inversão corrói o coração do invertido. Acredita-se possante como a máquina que dirige. Não respeita o pedestre, não pára na faixa, não respeita a sinalização, corre demais e ainda atira pela janela cigarros e papéis.

Bom seria que além do Salão do Automóvel hovesse também um Salão de Pessoa. Ali estariam expostos exemplos de decência, respeito e ética. Melhor ainda se o

Cerca de 50 mil pessoas morrem por ano em acidentes de trânsito, o mesmo número de soldados americanos mortos em oito anos de guerra no Vietnã.

público interessados em corridas de Fórmula 1 tivesse interesse por corridas de Fórmula 0, aquelas em que só compete consigo mesmo e não atropela a dignidade alheia.

Então a palavra transporte recuperaria o seu significado espiritual de elevação do espírito.

(Frei Betto é autor de *Cotidiano & Mistério*, Editora Olho d'Água, e muitos outros livros).

@ O que pensamos sobre a questão tratada neste artigo?

@ E nós mesmos: também nos deixamos envolver nessa onda da busca de "status" através da posse de automóveis e outros bens materiais sofisticados?

@ Se fôssemos os responsáveis pelas questões de transportes e trânsito na cidade, que medidas adotariamos?

Celebração para uma refeição comunitária

A fé como semente

Preparação: uma mesa, toalha, flores, castiçais, um cesto para cada uma das seguintes frutas: bananas, abacates, abacaxis, cajus, laranjas, uvas - que depois serão parte da refeição.

Celebrante: Sejam bem-vindos a essa refeição comunitária. Vamos pedir a que Deus abençoe os alimentos que nos serão oferecidos.

Comentarista: Estamos diante de uma mesa nua e vazia. É como o mundo antes da Criação do homem e da mulher.

Celebrante: Antes de criá-los, Deus preparou o belo cenário em que homens e mulheres iriam viver. Vamos simbolizar esse cuidado do Criador, revestindo e adornando esta mesa que receberá os alimentos da nossa refeição.

(Canto, enquanto uma família traz a toalha, flores, castiçais com velas e outros objetos de adorno e prepara a mesa).

Celebrante: E então Deus criou os alimentos que daria aos homens e mulheres, e dentre eles as mais saborosas frutas que agora vão ser trazidas à mesa.

Comentarista: Vamos procurar

nessas frutas que escolhemos, alguns símbolos para representar as muitas formas de expressão da nossa fé cristã. Pensaremos a fé como semente de nossas ações concretas no mundo em que nos foi dado viver.

Celebrante: Essas frutas são como nós, todos diferentes, unidos na mesma fé, como dom de Deus, também expressando e vivenciando essa fé cada um a seu modo.

(Uma pessoa ou casal ou família traz o cesto de bananas, coloca-o na mesa e explica).

- Muitos de nós temos uma fé semelhante à semente da banana, tão pequena que a ninguém, nem mesmo aos filhos, conseguimos transmitir.

Todos: Senhor, aumenta em nós a fé que de ti recebemos, como dom e tarefa, para que sejamos capazes de transmiti-la e exprimi-la em obras. Amém!

(Outros trazem o cesto com abacates).

- Como o abacate, alguns de nós terão uma fé enorme, mas que não se mistura à vida, mais parece um corpo estranho e inútil que se remove antes de desfrutar da vida. A fé, embora tão grande, não se faz parte da vida.

Todos: Senhor, ensina-nos a viver a fé em cada momento da nossa vida, para que sejamos testemunhos vivos da tua presença entre nós, e anúncio veraz da vinda do teu Reino. Amém!

(Outros trazem a cesta com abacaxis)

- Muitos de nós somos como o abacaxi. Não tem semente por dentro. Vazios de fé, nos achamos doces mas machucamos e ferimos com os espinhos das nossas defesas.

Todos: Senhor, te pedimos o dom da fé, que ela penetre profundamente em nós, para que sejamos capazes de irradiá-la e jamais ferir ou magoar aqueles que em nós procuram o doce sabor do amor, do carinho e da amizade.

(Outros trazem o cesto com cajus).

- O caju tem a semente para fora. Ela chama muita atenção. Mas é exterior. Como a nossa fé, quando apenas se expressa em gestos e ritos vazios de significado, em práticas religiosas tranquilizadoras, que não exprimem compromisso com a humanização e adesão ao projeto de Deus. A fé está fora e Deus se reduz a um enfeite de festa.

Todos: Senhor, faz-nos compreender a essência da nossa fé, como adesão ao teu projeto humanizador, à construção de um mundo justo e fraterno, onde todos sejam tua imagem e semelhança, e os ritos e celebrações, sejam expressão verdadeira desse compromisso de fé. Amém!

(Outros trazem o cesto com laranjas).

- Muitos somos como a laranja. A semente está bem misturada com a polpa, com a vida. Mas ao saboreá-la, a semente é cuspidada para o lixo. Às vezes somos muito religiosos nas assembleias e no culto mas exploramos empregados, mentimos nos negócios e somos cegos às necessidades dos outros. Nesses momentos, à fé é cuspidada para não minar nossa esperteza.

Todos: Senhor, que nossa fé esteja presente com força e transparência, em todos os atos que praticamos, em todos os ambientes em que nos movemos, em todas as situações da vida. Amém!

(Outros trazem o cesto com uvas).

- Eis uma fruta especial. Um cacho de uvas nos lembra a comunidade, nenhuma fruta está só. A semente é consumida com a polpa, fé e vida estão unidas, na vida em comunidade.

Todos: Delas virá o vinho, escolhido por Jesus como símbolo dos dons da natureza, que devem ser repartidos entre todos, como sinal vivo de sua presença entre nós, pelos séculos dos séculos. Amém!

Leitura: Jo 15, 1-5.

Celebrante: Comentário sobre a leitura.

Canto ou oração final: "Pai nosso".

Espiritualismo e espiritualidade: coisas bem diferentes

Neide e Itamar Bonfatti
Ex-Presidentes Nacionais do MFC

Neste final de milênio, sente-se uma saturação no homem moderno frente aos efeitos do racionalismo plantado na dita "civilização ocidental-cristã", no século XVIII. Esse racionalismo, com o passar do tempo, acabou colocando em compartimentos isolados **ciência-filosofia-religião**, desenvolvendo, assim, uma visão não-holística, fragmentada e, portanto incompleta desse mesmo homem. Afinal, tal visão já não dá respostas às necessidades e aspirações profundas do homem moderno. De fato, nunca as deu, embora muitos acreditassem tê-las encontrado.

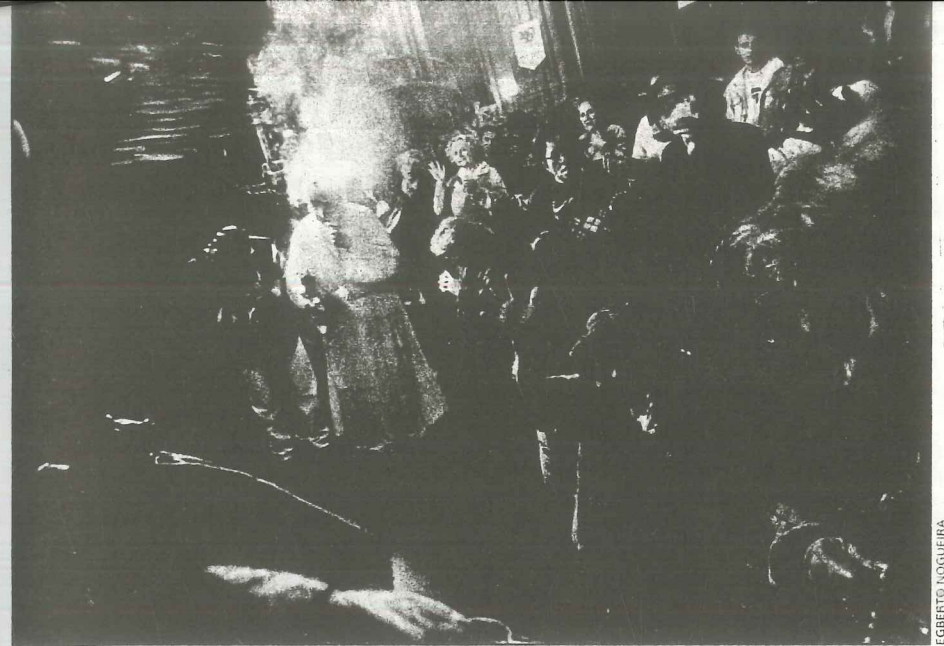
Em resumo, faliu o que Hegel (1770-1831) afirmara: *"Aquilo que é racional é real e o que é real é racional"*.

Agravando as angústias humanas neste final de século, como uma das manifestações daquela saturação, surge uma exacerbada e materialista agressão sistemática ao eco-sistema e um consumismo desenfreado que propõe, esquizofrenicamente a mensagem macabra do **ter** e do **prazer** como fins em si mesmos, hedonismo

suicida que tem dado muito lucro... a poucos! Juntando-se a tudo isto, constata-se a falência total dos modelos econômicos que pretenderam (e ainda pretendem?) a hegemonia do mundo, neste final de século, quando alguns poucos países mantêm uma brutal concentração de renda, com a exclusão compulsória dos demais, que permanecerão pobres ou miseráveis.

Nesta diabólica enxurrada morro abaixo da História, não é de se estranhar a grande vendagem de livros que tratam de objetos voadores não-identificados, ou de cristais, búzios, numerologia, cartomância, I Ching, tarô, e astrologia. Ou os que difundem filosofias orientais, sem esquecer as seitas fundamentalistas que proliferam oferecendo salvação e segurança para a "alma", exorcizando demônios e promovendo "curas milagrosas".

As incertezas emocionais e financeiras são matérias-primas dessa busca de respostas mágicas e bons termômetros para se medir a febre de literatura esotérica que enche as livrarias. Um conhecido autor, que se auto-denomina escritor-



As incertezas emocionais e financeiras são matérias-primas da busca de respostas mágicas e explicam o prestígio crescente de búzios, tarô, numerologia, cartomância, horóscopos, astrologia, ao lado da multiplicação de seitas fundamentalistas que exorcizam "demônios" e oferecem "milagres".

bruxo, confirma que a vendagem de seus livros já alcança os quatro milhões no Brasil, com traduções em muitos países. O que se busca é reunir novamente o **científico**, o **filosófico** e o **religioso**, numa só dimensão.

Enquanto isso, o sistema capitalista vem fazendo algo que sempre fez com muita competência: aproveitando-se da busca válida empreendida pelo homem de algo que responda às suas ansiedades e projetos de vida, esse sistema transforma tudo em fonte de lucro.

Diga-se de passagem que tais buscas podem levar as pessoas à desocultação dos seus conflitos e aos aparentes achados de tais procuras. E o que faz o sistema? Muito

simples: transforma tudo em modismo, cooptando o processo que, uma vez banalizado, passa a não incomodar. Dilui-se rapidamente e os consumidores permanecem anestesiados, na terrível e falsa sensação de respostas. Pior e mais: as buscas tornam-se absolutamente inofensivas!

Ao lado desse perigo irônico da exploração e manipulação dessa busca de verdade, há outro fenômeno não menos perigoso e comumente manifestado: a transformação da busca (boa em si mesma como meta de vida) em escapismo e alienação. Aí, deixa-se de lado o necessário mergulho fundo na alma e no auto-conhecimento com vistas ao **homem** enquanto **ser totalizado**. De um

modo geral são pessoas que procuram realmente encontrar um mínimo de segurança neste tempo de incertezas, repensar valores, refazer instituições capazes de dar respostas para o futuro, com o fim do que está institucionalizado. Também tempo de instabilidades psico-sociais refletidas em todas as áreas. As pessoas acabam se apegando apenas ao provisório, já que não desejam se comprometer com o definitivo, gerando frustrações próprias do modismo e não poucas vezes as incertezas naturais do escapismo.

Neste mesmo fenômeno podemos colocar as manifestações mítico-religiosas muitas vezes observadas na vida da Igreja, sobretudo ao redor de supostas "aparições de Nossa Senhora", assim como os anúncios de milagres e curas.

Tais manifestações podem ser aceitáveis, se purificadas, mas exigem cuidado para não propiciarem explorações, manipulações (até mesmo eleitoreiras) ou mesmo escapismos para o sagrado, tantas vezes produto de uma fé infantil. Justo, portanto, que a Igreja mantenha reservas diante dessas manifestações.

Por outro lado, essa mesma Igreja de Deus deverá sempre procurar respostas - as mais simples possíveis - aos anseios daqueles que se refugiam no sobrenatural porque geralmente essas pessoas, nada mais, nada menos, só desejam mesmo uma simples resposta numa... resposta simples!

A Igreja deve procurar dar respostas simples aos anseios daqueles que se refugiam no sobrenatural porque isso é mesmo o que todos esperam.

A reação anti-compartimentalização do homem - volta-se aqui ao início desta reflexão - opõe-se àquela desumanização a que o mesmo homem foi reduzido, vale dizer, comparado e usado como uma máquina cheia de parafusos e botões. Este saudável despertar no quase terceiro milênio está colocando em cheque o sistema capitalista, mesmo que este, no camarim da História, esteja se maquiando com nova máscara chamada de neoliberalismo. O fato de despertar não é ainda decisivo mas parece indicar postura nova para o confronto.

Do outro lado, sem pressa mas sem pausa - afinal o confronto com os acontecimentos não caminha sintonizado com a nossa impaciência - vai ficando cada vez mais provado que Jesus Cristo, à luz da nossa fé realmente é nosso Salvador e Redentor, não do **homem fragmentado** mas do **homem todo**, isto é, corpo e espírito, dimensões inseparáveis. Justamente por isso Ele nos liberta. Essa Esperança dá uma dimensão nova ao profetismo para o qual somos convocados de modo a sermos protagonistas no anúncio do Reino de Deus que está sendo



São também freqüentes as manifestações mítico-religiosas na vida da Igreja, algumas aceitáveis, se purificadas, outras simples produtos de uma fé infantil vulneráveis a explorações de todo o tipo.

construído, partilhando nossos conflitos, conquistas e alegrias, dando sabor a tudo, sem salgar em excesso, fazendo crescer as coisas com fermento, sem contudo azedar os acontecimentos, lidando com os contrários sem anulá-los.

Teremos de anunciar e testemunhar que Jesus Cristo veio abrir o canal da graça do Pai à humanidade toda, sem discriminar etnias, classes sociais, sexo ou

ideologia (cf. Gl 3,28). Este mesmo Jesus de corpo e espírito, é o nosso Deus não compartimentalizado e humanizado em Maria de Nazaré, mulher de José, da casa de David (cf. Lc 2,4), igualzinho a nós em tudo mas diferente no não-pecado (cf. Hb 4,15). Ao invés de runas e tarôs, horóscopos ou pirâmides, búzios e outros, Ele foi mais direto. Pediu que déssemos prato de comida a quem tem fome, água ao sedento. Que

acolhêssemos os que vêm de fora, vestíssemos os sem-roupa e visitássemos os doentes e encarcerados (cf. Mt 25, 42-43).

Nesta busca do homem integral, portanto sem biombos que separem seus sentimentos espirituais e as suas dimensões físicas, ou seja, sem a visão distorcida do racionalismo, parece que neste final de século não se está pretendendo repetir os equívocos do século XVIII. Tudo leva a crer que o homem está buscando novas expressões de espiritualidade, já que as que estão em voga, mesmo que necessárias, se mostram insuficientes.

Não seriam de estranhar tais buscas porque afinal, como todos nós sabemos, a espiritualidade sempre assumiu expressões diferentes, em cada época e cultura. Na Idade Média conhecia-se apenas a distinção entre **Doutrina e Fé** sob o aspecto dogmático e normativo, enquanto a referência à **Disciplina** apenas significava uma regra religiosa. Nos séculos X e XI, tempo marcado pela insegurança e violência, a espiritualidade estava na máxima evangélica do Reino dos Céus, sofrendo violência (cf. Mt 11,12). Foi uma espiritualidade dolorosa porque belicosa! Isto levava o homem daquele tempo à restauração, já na terra, do estado primeiro da inocência degredada pelo pecado, chegando-se assim à liberdade espiritual. Com o início das Cruzadas, a espiritualidade se expressava na devoção a Jesus Cristo, fazendo nascer nos cristãos o

desejo de libertar Jerusalém em mãos dos árabes. Esta "violência espiritual" era considerada ato de penitência, purificação individual e também coletiva. Era uma espiritualidade voltada à ação imediata da guerra!

Interessante que somente nobres iam à luta para "salvar almas" e libertar Jerusalém. Os leigos, de origem modesta e logicamente não-nobres, não eram convidados para as Cruzadas. Abraçar a vida de eremita como expressão espiritual, era a opção dos que ficavam. E não esquecer as práticas da auto-flagelação com chicote! A essência de tal espiritualidade era o castigo do corpo, terreno predileto das forças do mal.

A partir do século XII, a palavra "espiritualista" era conhecida apenas nos textos filosóficos mas não tinha o conteúdo religioso que tem hoje. Apenas designava a qualidade daquilo que é espiritual, isto é, independente da matéria.

Interessante notar o que aconteceu no século XIII, com São Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores (Dominicanos) e com São Francisco de Assis, da Ordem dos Franciscanos. Eles apontaram o caminho: que os cristãos vivessem de acordo com o Evangelho, em comunhão com a Igreja e **engajados nos acontecimentos do mundo**. Era a visão da espiritualidade total, dentro do homem todo, não-platônica. Infelizmente essa visão foi sendo empobrecida com o passar dos tempos.

O homem busca novas expressões de espiritualidade, as atuais já não satisfazem.

Visão mais concreta da espiritualidade, mais sintonizada com as dimensões de hoje, começou somente a partir do século XIX. Passou a exprimir a dimensão religiosa da nossa vida interior, implicando em ascese, que nos conduz, através da mística, às relações pessoais com Deus.

Tudo nos leva a crer que estamos às vésperas, ou já nos inícios de uma vida espiritual menos intimista e mais comunitária. Espiritualidade com ascese e mística mas uma relação espiritual com Deus profundamente comprometedora e desinstalada. Uma espiritualidade que, por isso, passa pela humanização do próximo, absolutamente sintonizada com os sem-roupa, sem-pátria, os encarcerados, os doentes, os que não têm um prato de comida. Contudo, um detalhe: para não cair num espiritualismo balofo, é imprescindível denunciar e lutar

contra as estruturas econômicas que provocam fome, nudez, doenças e prisões injustas. É imprescindível se fazer a exegese e a hermenêutica do texto evangélico (Mt 25, 42-46), para não se viver uma... "espiritualidade de limbo".

É provável que a espiritualidade procurada filtrará os ranços do racionalismo porque faz parte dela o anúncio do Reino de Deus e a denúncia do que a ele se opõe, sempre passando pelo irmão injustiçado. Pela ação e pela oração, ambas transformadoras e condutoras privilegiadas das nossas relações com Deus.

A luta do cristão por todas as formas de humanização exige compromisso não poucas vezes desconfortável, contudo libertador e dialogante com Deus. Transformador de sistemas e estruturas injustas e iníquas, até mesmo satânicas!

Para muitos tornou-se mais fácil recorrer a tarôs ou pirâmides. Afinal não comprometem a ideologia própria da nossa mentalidade burguesa, que adora um *confortismo* e um espiritualismo fora da realidade. Pior: confunde **espiritualismo com espiritualidade!**

@ *O que fica mais claro para nós depois da leitura deste artigo? Concordamos com essa distinção entre espiritualismo e espiritualidade?*

@ *É verdadeiro o crescimento dessa busca de saídas mágicas para os problemas humanos? Exemplos de práticas desse tipo.*

@ *Que práticas religiosas podem se configurar em magia ou crendice sem nexos com a fé cristã?*

@ *Como viver uma espiritualidade que signifique um verdadeiro seguimento de Jesus?*

A vergonha do trabalho infantil

Editorial

Meio milhão de crianças trabalham no Brasil: São crianças mesmo, entre 5 e 9 anos, trabalhando sem salário, no campo, como ajudantes dos pais ou irmãos mais velhos, na colheita da cana, na extração de madeira, em carvoarias, na agricultura, inclusive na aplicação de pesticidas, ou nas cidades, vendendo balas e chicletes nos sinais de trânsito. De algum modo, com essa atividade, contribuem para a renda familiar. Para isso, deixam a escola e prejudicam a saúde, às vezes de forma irreversível.

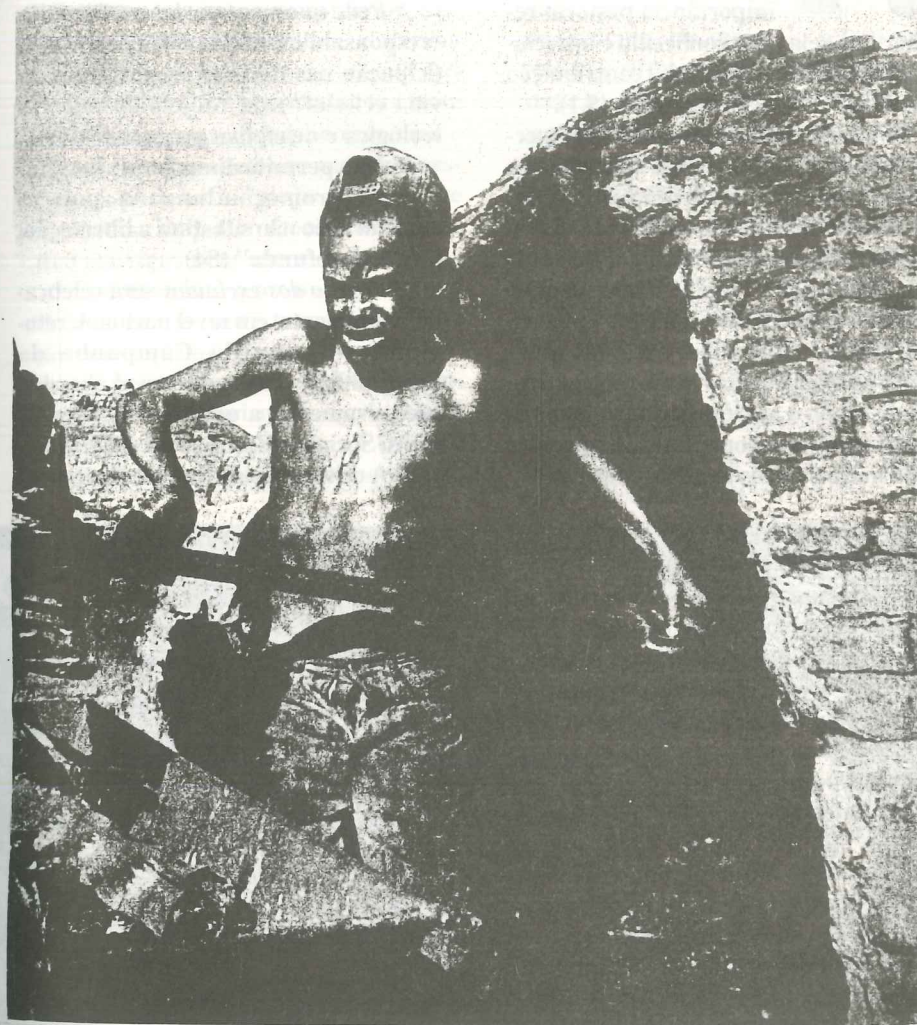
Estados	Atividade Agrícola	Atividade Urbana	Total de Crianças
Bahia	61.082	8.434	69.516
Minas Gerais	43.536	9.088	52.624
Maranhão	45.257	4.040	49.297
Ceará	37.334	11.599	48.933
Paraná	34.224	8.487	40.952
Rio Grande do Sul	38.042	5.294	43.336
Pernambuco	33.647	4.956	38.603
Santa Catarina	25.725	-	25.725
Paraíba	15.883	1.643	17.526
São Paulo	7.210	8.919	16.129
Goiás	8.540	7.320	15.860
Piauí	12.504	2.084	14.588
Rio Grande do Norte	11.586	2.519	14.105
Mato Grosso	11.764	1.038	12.802
Espírito Santo	7.826	2.934	10.760
Pará	3.016	7.333	10.349
Mato Grosso do Sul	7.411	1.288	8.699
Alagoas	6.892	574	7.466
Sergipe	4.724	1.260	5.984
Rio de Janeiro	2.460	3.428	5.888
Tocantins	3.409	2.169	5.578
Amazonas	345	4.834	5.179
Distrito Federal	1.262	-	1.262
Acre	-	646	646
Rondônia	0	378	378
Total	423.679	98.265	522.185

* Os estados da Região Norte só foram pesquisados em áreas urbanas. Não foram computados dados de Roraima e Amapá.

* 92,2% das crianças trabalham sem nenhuma remuneração.

Os dados são do IBGE, obtidos pela PNAD - Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios, realizada em 1995 e publicada no final de 1996. O governo se confessa envergonhado com esses números, em contradição com o compromisso assumido pelo Brasil, como signatário da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança.

Reproduzimos nestas páginas, elaborado pelo Jornal do Brasil, o quadro geral dessa vergonha nacional, fruto da miséria e da falta de vontade política de enfrentar esse desafio, cujas soluções são conhecidas: programas de renda mínima, bolsas-escola e cestas básicas vinculadas à frequência escolar, por exemplo, já testadas com êxito em alguns municípios brasileiros.



Rumo ao novo milênio

Pedro Ribeiro de Oliveira
Professor, Mestre em Ciência da Religião

A CNBB acaba de publicar o Projeto de Evangelização em preparação ao Jubileu do ano 2000. Sua importância pastoral requer que seja bem conhecido e apreciado, e apresento aqui minha contribuição para sua “recepção criativa”. (5.1).

No texto coadunam-se duas perspectivas metodológicas. Uma aplica para a nossa realidade as orientações da Carta Apostólica “*Tertio Millennio Adveniente*”, expressando a globalização da pastoral, onde o Papa tem não somente a última palavra mas também a primeira. Outra metodologia consegue aí inserir as experiências pastorais do Brasil de modo a enriquecer o projeto original com uma contribuição específica que marca certos avanços pastorais.

Novas pontuações

O documento é permeado pelo chamado dos bispos à participação de todos os católicos na missão evangelizadora da Igreja, chamado este que é feito em tom dialogal e mais autocrítico do que condenativo. Destacam-se os seguintes pontos:

* Valoriza-se o catolicismo popular como “humus” precioso para a evangelização (42-45), superando-se assim o *monolitismo* pastoral que só percebe valor nas formas religiosas oficiais.

* Exige-se profundas mudanças no estilo de governo e exercício da autoridade (88), para aumentar a participa-

ção e corresponsabilidade dos vários seguimentos do Povo de Deus nas Assembléias, Conselhos e Encontros da Diocese (172).

* Pede que o acesso das mulheres às “responsabilidades de direção e à participação nas decisões importantes na vida eclesial” seja “objeto de reflexão teológica e de efetivo progresso” (89).

* Não permite dissociar-se inculturação e promoção humana, pois “a inculturação não substitui a libertação, mas a aprofunda” (84).

* *O grito dos excluídos* será celebrado anualmente, em nível nacional, retomando o tema da Campanha da Fraternidade (129), que deverá abordar, sucessivamente, a questão dos Direitos Cívicos, Sociais e Econômicos (163-165).

* A celebração do Jubileu deverá in-

cluir o perdão da dívida externa dos países empobrecidos e o resgate da dívida social no Brasil (131-132).

* A dimensão sócio-transformadora, indissociável da missão evangelizadora, não é “assunto exclusivo das Pastoris Sociais, mas deve ser vivida por toda a comunidade eclesial” (137).

O problema de fundo

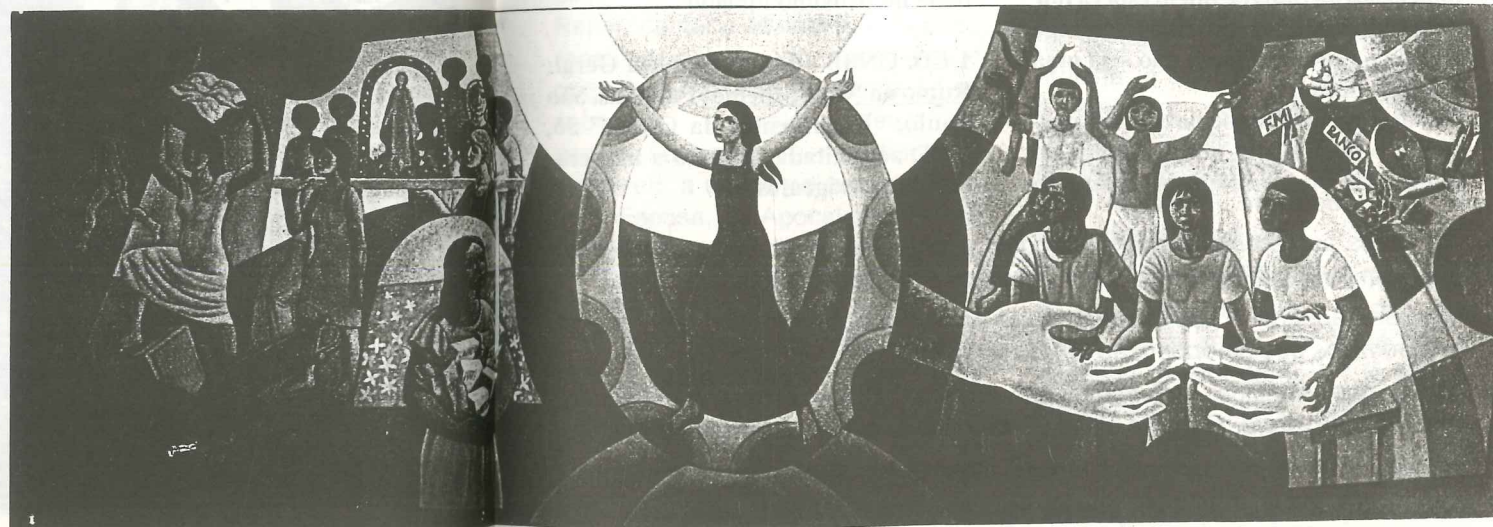
Sendo o Jubileu uma celebração de perdão e emancipação (10), a Igreja no Brasil fará um sério exame de consciência que inspire um solene pedido de perdão aos grupos que sofreram discriminação, intolerância e violência (150). Embora aponte erros cometidos no passado, o documento só faz uma autocrítica pontual: vê as omissões e abusos de seus membros mas não questiona a posição da Igreja católica face ao sistema de poder econômico e político em vigor nem ontem nem hoje.

O documento transmite a imagem de uma Igreja com a tranquilidade do dever cumprido. Diante do mundo moderno “onde crescem a violência, a injustiça e o secularismo”, o que falta é novo ardor e coragem na missão evangelizadora “para que a mensagem

salvífica de Jesus Cristo seja mais conhecida e, conseqüentemente, seguida com amor e generosidade”. Assumindo essa postura *voluntarista*, os bispos evitam criticar a sociedade estruturada sobre o mercado, ao mesmo tempo incluyente (tudo é transformado em objeto de compra e venda) e excluyente (rejeita os fracos para a periferia).

É como se o mercado fosse o *habitat* natural do ser humano ou o que de melhor podemos almejar nesta vida terrena. Falta o anúncio de uma sociedade solidária onde Liberdade e Igualdade diante do mercado sejam assumidas e ultrapassadas pela Fraternidade e a humanidade se reconcilie consigo mesma e com o planeta. (Aliás, o tema da Ecologia sequer foi mencionado, embora o Jubileu judaico prescreva também o descanso da terra). Calando-se diante do totalitarismo do mercado, nossos bispos ficaram também incapazes de anunciar a utopia da sua superação. Por isso o documento não tem a alegria de uma boa notícia.

Abaixo: Mural de Cerezo Barredo sobre o Magnificat da Igreja de Luciara, MT, Prelazia de S. Félix do Araguaia.



Conclusão

O Projeto da Evangelização da Igreja no Brasil tem certamente o mérito do realismo pastoral: toma em consideração a história do nosso povo, procura integrar todas as forças vivas da Igreja e abre-lhes maior espaço de participação nas deliberações, de modo que a preparação do Jubileu do ano 2000 de fato seja um grande "mutirão evangelizador" (88). Outro mérito é sua abertura ecumênica. Apesar de um pequeno deslize (apresentam-se como "Os Bispos do Brasil", quando são apenas os bispos católicos), o espírito de diálogo e ecumenismo perpassa todo o projeto. Por isso, sob o aspecto prático, temos em mãos um projeto que promete bons frutos.

Contudo, é um projeto de evangelização onde paradoxalmente quase não se fala do Reino. Centralizado na pessoa de Jesus Cristo, deixa em segundo plano o anúncio do Reino que remete necessariamente a crítica de tudo que na sociedade empata sua realização. Falta ao documento a contundência do discurso profético, que desagrada aos bem-estabelecidos mas soa como boa-notícia aos ouvidos de quem espera que uma humanidade reconciliada consigo mesma e com a natureza não seja uma absurda ilusão.

Em decorrência desse baixo teor profético, o documento não vai longe ao questionar a própria Igreja. Apesar do

O Projeto de Evangelização da CNBB considera a história do povo e procura abrir espaço de participação para todas as forças vivas da Igreja.

esforço autocrítico, ali ela aparece placidamente isenta das tensões entre seus setores proféticos e o *establishment* eclesial. Os bispos vêem a Igreja se renovando (55) mas não retomam a feliz expressão *uma nova forma de ser Igreja*, que assinala as mudanças estruturais após o Concílio Vaticano II. Nesse sentido, falta ao documento humildade - reconhecer-se *humus*, simples terra mas também terreno fértil. Pois é como comunidade de servidores do Reino que a Igreja conseguirá contribuir para a reconciliação da Humanidade no próximo milênio

1 Cfr. CNBB - 34a Assembléia Geral: Rumo ao Novo Milênio; Paulinas, São Paulo, "Documentos da CNBB" 56, 1996, aqui citada segundo a numeração dos parágrafos.

@ Quais as características do modelo econômico neoliberal que mais se afastam do modelo chamado por Jesus de Reino de Deus?

@ Que papel cabe aos cristãos frente às contradições dos modelos socio-econômicos que se opõem ao ideal cristão?

@ O que significa profetismo, ser profeta? Como entender a missão profética da Igreja, Povo de Deus? E de cada cristão e comunidade cristã?



"Editor é aquele que separa o joio do trigo e... publica o joio" (Mark Twain)

Converter-se

D. Pedro Casaldáliga
Bispo de S. Felix do Araguaia

Você me pede que escreva algo sobre a conversão, para "Misión Abierta". Algo meu sobre este particular seria minha própria conversão, que em muitos aspectos ainda está por vir à luz. Você me conhece. A pessoa tem muitos "eus" dentro de si, e há alguns desses "eus" superpostos ou adjuntos ou paralelos que não acabam de se fazerem cristãos: minha sensibilidade susceptível, meus silêncios, minha ira amarga diante da injustiça, minha falta de confiança em Deus, em mim, nos outros...

Não tenho nada de novo a dizer sobre a conversão. Nem sequer alguma coisa sistematizada. Rezar, cantar o *Miserere*, o *Rorate*: repetir a palavra do publicano; o grito de assombro do centurião e, sobretudo, a maior palavra de conversão que o cristianismo escreveu: a última palavra de João e da Esposa, no Apocalipse: "Vem, Senhor Jesus!"

Deus nos chama, por seu Filho, a viver em comunhão com Ele. Fez com os homens, com cada homem, com a humanidade inteira, uma Aliança de Amor. Deu-nos sua palavra e sua vida. Quer dar-nos para sempre sua própria felicidade; aqui na terra, progressivamente;

plenamente, lá no céu. A cada um, na segurança de nossas aspirações; a todos, como uma família de potencialidades, tensões e amores entrecruzados.

Converter-se é voltar a entrar humildemente, alegremente, na economia com o Deus vivo, consigo mesmo, com todos os irmãos.

A conversão é uma volta ao Deus de todos: um ecumenismo pleno. Deus nunca nos autoriza a fechar a alguém as portas do próprio coração, as portas da Igreja. Quem somos nós para excluir alguém, quando Deus nos inclui a todos?

A conversão é uma sacudida da graça e da simplicidade, postas de acordo, capaz de derrubar o orgulho, o egoísmo, o desespero e o dinheiro; os quatro pecados contra o Espírito, a idolatria do eu e do ouro. Abandonar esses ídolos para voltar-se ao Deus vivo e verdadeiro (1Ts 1,9).

A "metanóia" da conversão não é simplesmente um mudar de idéias e um saber por onde vai o caminho. Assim como ter fé não é simplesmente "crer". Com demasiada facilidade fizemos da profissão de fé um estar a par das coisas "segundo a luz de Deus";

quando devíamos fazer dele um abraçar-se nessa luz que é um fogo devorador.

Para o cristão, a metanóia não é estar bem informado. É uma reviravolta, um "capiorelli", uma cambalhota vital.

Converter-se é aceitar as Bem-aventuranças como programa de vida, como "lei fundamental" da Igreja. E não como uma olímpica troça do Altíssimo Senhor que nos teria proposto astutamente uma marca inatingível...

Converter-se não é só arrepender-se, chorar sobre o passado. Jesus repetia no Evangelho aos pecadores perdoados: "Levanta-te e anda..."

A conversão é um processo vital, histórico, como o crescimento. Um processo vital e social. O pecado está no mundo, está em cada um de nós, de maneira descarada ou disfarçada, mais ou menos querido, mas está. Viver, crescer, evoluir, caminhar na história pessoal e na grande história humana deve ser necessariamente ir convertendo-se, ir convertendo-se totalmente.

Não basta rasgar as vestes para converter-se; como nunca bastou confessar-se na penumbra do confessionário; como não bastará agora celebrar uma bela confissão comunitária. Para converter-se não basta renovar os adventos e as quaresmas, ou organizar coletas socializadas, ou dar tantos por cento tranquilizadores. É preciso rasgar o coração, circuncidar a raiz das estruturas de pecado, "subverter" a ordem estabelecida

***Viver, crescer, evoluir
caminhar na história pessoal
e na grande história humana
deve ser necessariamente ir-
se convertendo, ir-se
convertendo totalmente: a
conversão é um processo
vital, histórico, como o
crescimento pessoal e social.***

no próprio espírito—burguês,— na própria família— fechada,— na própria empresa, na rua, no país, na Igreja, no mundo.

De nada valem desculpas desentendidas ou decepcionadas, de quem já tem resposta para tudo: se a Igreja fosse assim, se a sociedade fosse assada. Você e eu somos a Igreja e somos a sociedade. Não se trata de esperar que as estruturas da Igreja ou da sociedade se transformem: é preciso obrigá-las à conversão a partir do interior das mesmas, a partir da ação de cada um de nós.

Mas isto não significa que as estruturas de pecado não estão ali, poderosas, impossibilitando, em nosso lar, no trabalho, no Estado, na economia, na política mundial, na Igreja.

E essas estruturas devem cair a golpes de sinceridade evangélica, a golpes de audácia cristã, a golpes de revolução social.

Segundo os entendidos, a mensagem de conversão dos profetas do Antigo Testamento dirige-se ao povo inteiro. A penitência para ser verdadeira terá que ser cada vez mais comunitária,

porque é cada vez mais comunitária o pecado e mais comunitária também a consciência que se tem do pecado.

Somente a justiça nos dá a paz. A paz da conversão não é um olhar passivo para a Providência, para a Cruz e a Graça.

Converter-se é "buscar o rosto do Senhor" diante de nossos irmãos.

A conversão que é fé— adesão ao Cristo Libertador— e esperança— o humilde e forte apoiar-se nele, sem outros suportes, contra todo risco e desafio— é, sobretudo, uma atitude de amor: o difícil amor a Deus e aos inimigos... nos "próximos", impertinentes e habituais, e nos românticos distantes; nos normalmente estabelecidos na sociedade e nos marginalizados de toda espécie.

O amor, prova final.

@ O que nos traz de novidade a visão do autor sobre a conversão? Sentimo-nos já convertidos ou em processo de conversão cotidiana sem fim? Como acontece esse processo com cada um de nós? Avanços? Retrocessos?
@ Como ativar e alimentar, em nós mesmos e nos outros, esse processo de conversão?



João Paulo II diz basta à violência e à opulência: Na abertura da Cúpula Mundial da Alimentação, realizada em novembro passado, em Roma, o Papa falou forte e com veemência aos representantes de 194 países para reclamar o fim dos embargos econômicos decididos por razões políticas contra populações civis. Pediu uma redução importante, senão a eliminação total das dívidas que pesam sobre o destino de muitas nações. Afirmou: "Temos que buscar juntos soluções para que não haja mais pessoas famintas vivendo lado a lado com pessoas na opulência. Este contraste entre miséria e riqueza é intolerável". Existem 840 milhões de famintos no mesmo mundo em que o "drama" de outros 500 milhões é o de comer demais.

Livre, justa e solidária

Cláudio Carvalho
MFC - Rio de Janeiro

A Constituição Brasileira coloca em primeiro lugar, entre seus objetivos fundamentais, "construir uma sociedade livre, justa e solidária" (art. 3º). A expressão "construir" já indica que se trata de sociedade em formação, de uma meta a se atingir em parceria democrática entre Governo e Povo, com avanços e retrocessos, ao sabor de ideologias políticas.

Para participação consciente na construção dessa sociedade idealizada, é importante conhecer-se o real significado de livre, justa e solidária, do ponto de vista social.

Evidentemente que sociedade livre, no caso, não é em contraposição à sociedade escravocrata, até porque a escravidão já foi abolida há 108 anos. Sociedade livre é a que assegura os direitos e garantias fundamentais da cidadania, não como letra morta na lei, mas para serem vividos, exercidos e respeitados. Não se confunde, porém, com sociedade liberal ou neoliberal. Na primeira se valoriza a pessoa humana no que mais a dignifica, a liberdade, sem prejuízo para o bem estar social. Na segunda a prioridade é o lucro, no livre jogo da concorrência e da não-intervenção do Estado no plano econômico,

sistema que, se não contido nos devidos limites, pode redundar em espoliação, capitalismo selvagem, exploração dos fracos pelos fortes, desemprego em massa, exaustão das riquezas nacionais.

Sociedade justa não se pauta somente pelos princípios de direito. O sentido é mais amplo. Abrange a moral. Cultiva a justiça como um dever social, para empenhar-se de fato, na garantia de mínimos básicos de subsistência aos cidadãos mais carentes, sem qualquer discriminação, na erradicação do analfabetismo, da pobreza e da miséria, na redução das desigualdades sociais e regionais. O salário mínimo contraria os princípios de justiça social porque, quantificado em função apenas da cesta básica de alimentos, sem contemplar vestuário, moradia e educação de filhos, é insuficiente para o trabalhador viver com o mínimo de dignidade humana.

Sociedade solidária considera, incentiva e aperfeiçoa esse laço espiritual que é a solidariedade, como um dever moral, para unir e levar os homens à colaboração, à assistência mútua em suas necessidades. A ética civil, baseia-se no princípio de que todo homem deve



Fecham-se os vidros dos automóveis para isolar do mundo confortável das classes mais favorecidas a pobreza presente em cada esquina.

aos outros os benefícios da civilização de que goza, devendo, portanto, também contribuir com a sua parcela de esforço para o bem comum. Na ética religiosa, a solidariedade é fruto do amor fraterno, simbolizado na partilha, que tem a sua expressão máxima na parábola evangélica do Bom Samaritano.

Através da Campanha da Fraternidade, em que anualmente são questionados angustiantes

problemas sociais, a Igreja está engajada na construção dessa sociedade livre, justa e solidária. Na concepção cristã, equivale à edificação do Reino de Deus.

Merece, portanto, o apoio e a participação efetiva de todos, sobretudo dos cristãos, essa longa caminhada em favor da nova ordem social, fundada no amor e na justiça.

@ Como seria, para nós, o modelo ideal de sociedade? Quais as suas características fundamentais? O que teria que mudar?

@ Que contribuição oferece a fé cristã para a construção de um novo modelo de sociedade?

@ Temos propostas concretas sobre políticas sociais que tornem mais humano o modelo de sociedade em que vivemos? Como trabalhar essas propostas para que se tornem realidade?

CPMF: verdades e mentiras

Equipe de Redação

Agora que a CPMF é lei, vale a pena desmistificar as mentiras que circularam antes da sua aprovação e revelar as verdades que tentaram ocultar aqueles que a temem por razões inconfessáveis.

Quem não se deixou enganar, é convocado agora para o segundo "round" da luta": transformar o "p" de provisória em "p" de permanente.

Verdades:

1. A CPMF é democrática, todos pagam segundo sua participação na mal distribuída renda nacional, e só ficam de

fora os explorados trabalhadores que nem conseguem ter conta bancária. Como se sabe, os bancos sentem uma interessante repugnância pelos pobres, exigindo um elevado depósito inicial e uma confortável renda mínima para o cidadão ser acolhido no olimpo que administram.

2. É um mecanismo de distribuição de rendas, já que pagam os ricos altos e médios, para sustentar um serviço somente usufruído pelos pobres. É uma redistribuição ainda tímida, mas um primeiro passo que

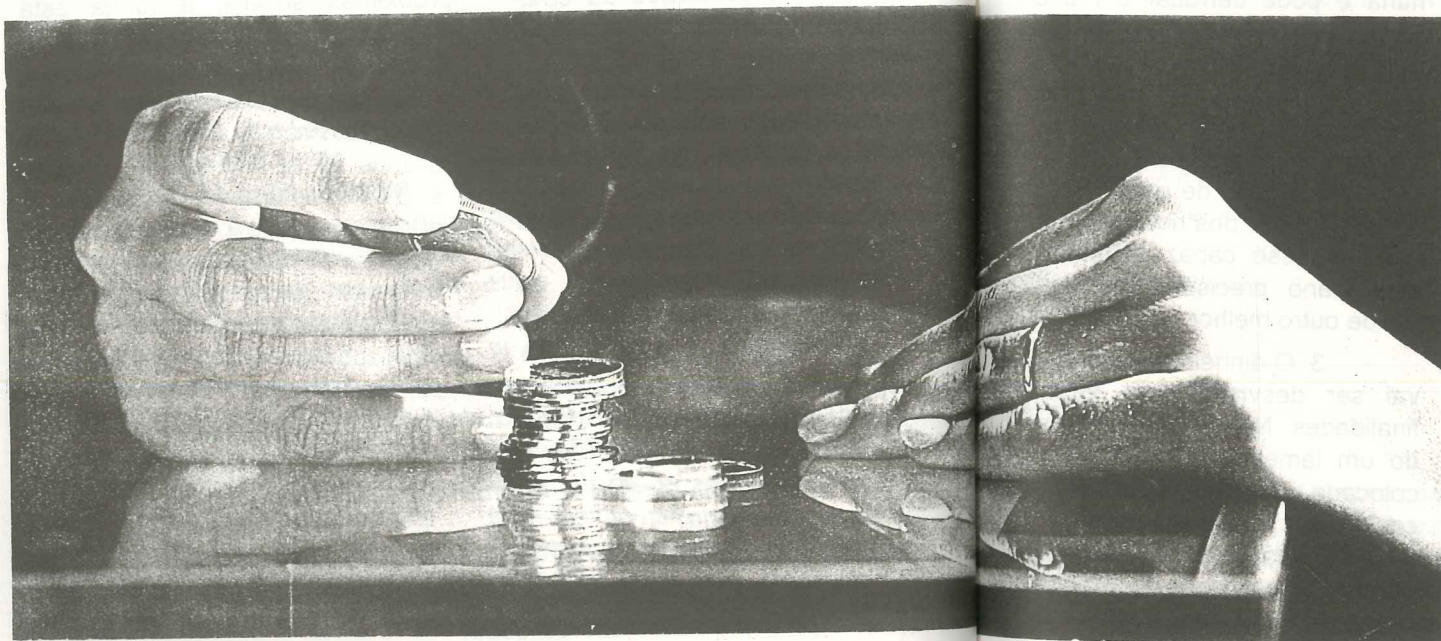
pode ficar maior se os cidadãos finalmente descobrirem sua eficácia até agora desmoralizada pela manipulação desonesta da opinião publica.

3. A CPMF é praticamente insonegável, ninguém que a deve pagar escapa. O controle das movimentações financeiras via bancos é uma rotina antiga que funciona. As movimentações do caixa-dois das empresas, os correntistas fantasmas do esquema do falecido alagoano e todos os que sobrevivem nessa prática ilegal, os bicheiros e as gangs do tráfico de drogas, todos pagam porque precisam movimentar seu dinheiro sujo em bancos, ainda que com nomes falsos, até mesmo para a "lavagem" desse produto do crime.

4. Outros impostos e

taxas têm um custo elevado de arrecadação, porque exigem uma cara estrutura de fiscalização, uma burocracia infernal de papéis e controles, notificações e registros. Pior que tudo: deixam as portas abertas para a corrupção. Além disso, muitos impostos somente chegam ao Tesouro muito tempo depois de devidos, por dependerem de declarações, demonstrativos, guias, conferências e prazos de recolhimento. A arrecadação da CPMF não custa nada ao governo. Os computadores dos bancos fazem a retenção automática da contribuição e a transferem ao Tesouro por via eletrônica, silenciosa e imediatamente. Assim, a CPMF chega inteira e rapidinho ao destino.

5. Essa tal "famigerada" CPMF, para usar o adjetivo mil vezes repetido pelo JB, é um perigo para os sonegadores, cuja movimentação financeira, que gera a contribuição, não bate com suas declarações de imposto de renda e balanços contábeis. Basta comparar o montante da CPMF recolhida de uma determinada pessoa física ou jurídica com as suas declarações geradoras de impostos para pegar o sonegador em flagrante. Essa é a principal razão da feroz oposição à CPMF. Um episódio divertido ainda recente: o antecessor da CPMF foi o IPMF, que por decisão judicial teve que ser parcialmente devolvido por ter sido cobrado antes da sua vigência legal. Foi



um corre-corre! Muitos beneficiários dessa devolução exigiram não recebê-la, para não serem identificados, como era exigido pelo Tesouro...

6. O valor da CPMF é ridiculamente insignificante para cada cidadão ou empresa. Muitos ainda não souberam fazer as contas, por terem faltado às aulas do seu curso primário no dia em que a professora ensinou a usar o símbolo %... Logo vão descobrir que 0,20% é uma insignificância indolor. Alguns jornais, meio envergonhados, já publicaram a tabelinha, que leva seus leitores a se perguntarem: a guerra toda foi só por isso? Já sabemos que o motivo da guerra foi outro. Então muitos já sabem. Se sua renda mensal é de 1.000 reais e ela for totalmente movimentada e gasta através de banco, sua CPMF será de 2 reais, para que, numa emergência, você encontre funcionando um hospital público. Vale?

E as mentiras...

1. A CPMF vai anular o rendimento da poupança, afirma o JB em título destacado. Como todos sabem, os créditos que aparecem, a cada mês, na sua conta de poupança, tem duas parcelas: a correção monetária, calculada de acordo com a inflação mensal, que assegura o valor real da sua suada economia; e os juros de 0,5% mensais. Se você faz um depósito na caderneta e o retira exatamente 30 dias depois, o que normalmente não se faz, a trans-

O episódio da aprovação da CPMF comprovou a falta de princípios éticos de parte da grande imprensa

ferência de sua conta-corrente para a de poupança não paga CPMF mas o saque 30 dias depois, sim. Então, a parcela mais importante do seu rendimento, ou seja, a correção monetária, não é prejudicada; e a outra, a dos juros, menos importante, não ficará anulada mas apenas reduzida a 0,3%. E nem isto acontecerá se você deixar o seu depósito mais tempo. Se ficar 90 dias, nem mesmo pagará a CPMF.

2. A CPMF é inflacionária e pode derrubar o Plano Real. Felizmente trata-se de uma tolice esperta sacada numa guerra em que valia tudo para manipular a opinião pública. Se a simples transferência de meios de 5 bilhões de reais, cerca de 1% do PIB, dos ricos para os pobres, fosse capaz de abalar esse plano, precisaríamos mesmo de outro melhor...

3. O dinheiro arrecadado vai ser desviado para outras finalidades. Não pode. Rompendo um lamentável impedimento colocado na Constituição por um cochilo das forças progressistas, a CPMF inaugura a vinculação de uma arrecadação de taxa ou imposto a um fim específico e de

cunho social que foge ao controle dos gestores de uma política monetarista, somente comprometidos com os postulados da economia liberal, nunca com uma política de natureza explicitamente social. Assim, como o controle das aplicações da CPMF está à disposição dos nossos vigilantes parlamentares, através dos computadores instalados em seus gabinetes, bastaria uma denúncia para começar um processo monumental, semelhante a outro histórico, ainda recente.

4. Quase tudo o mais que se propalou contra a aprovação da CPMF poderia engrossar esta lista, exceto a afirmação

Os interesses de grupos econômicos contrariados pela criação da CPMF eram poderosos mas não prevaleceram

que até o presidente andou repetindo, reconhecendo que essa contribuição é um "imposto anti-pático". Estamos curiosos. Sugérimos uma grande pesquisa nacional para que seja finalmente revelada a existência misteriosa de algum imposto que o povo pague e considere simpático...

@ Com o que concordamos, de que discordamos?

@ O que cabe aos cidadãos fazerem para assegurar que os recursos desta contribuição não sejam desviados para outros fins?

@ Como está a situação de atendimento à saúde na nossa cidade? Conhecemos a situação verdadeira? Como conseguir informações seguras?

@ Que outras idéias podemos trazer ao grupo sobre como melhorar a saúde pública na nossa cidade e no país?

@ Como lutar pelas idéias e propostas que temos? Junto com outras entidades? Com apoio da Igreja, da imprensa local? Levando-as às autoridades municipais, estaduais? Mobilizando a população da cidade? Como?



Protestos na Rússia. Os novos empresários russos reagem e pressionam Yeltsin contra a criação do imposto sobre movimentações financeiras, o correspondente à CPMF brasileira, que ameaça o sigilo bancário das empresas e pode desocultar a sonegação de outros impostos. Aprenderam depressa as manhas do sistema capitalista.

O Consenso de Washington fracassou

Equipe de Redação

Os economistas que produziram a receita neoliberal para os países da América Latina na década de 80, analisam os resultados do modelo criado e reconhecem suas conseqüências perversas. A receita batizada com o nome pomposo de "Consenso de Washington", foi adotada pelo FMI e Banco Mundial como parâmetro para a aprovação de financiamentos e socorros financeiros na região durante um década. O "pai" desse chamado consenso, o economista John Williamson, justifica-se dizendo que a receita funcionou positivamente em alguns aspectos, especialmente na redução da alta inflação mas, reconhece, não conseguiu resolver o problema do crescimento reduzido e da desigualdade social no continente. Propõe agora o aumento dos gastos públicos com educação e reorientação dos recursos do Estado para a área social.

Na nova Conferência de Washington, realizada em setembro, o tom geral do debate foi dado pelo representante do Ministério das Finanças do Japão. Ele adverte que a América Latina está sendo engolida pelo processo de globalização proposto pelo Consenso anterior, que desconsiderou as diferenças culturais e os processos históricos de cada país, levando à confusão e ao colapso da ordem existente. Sakakibara recomenda cautela aos nossos países e denuncia que estamos sendo usados como terreno de testes dos países desenvolvidos, para suas políticas econômicas que ele chama de neoclássicas.

Resultados positivos nesta década

houve no Leste Asiático. O Banco Mundial fez uma pesquisa recente para comparar os efeitos dos dois modelos de políticas sócio-econômicas e constatou que lá predominam Estados eficientes, juros baixos, taxas de câmbio estimulantes e excelência educacional. Luciano Coutinho, economista brasileiro da UNICAMP, participante da Conferência, demonstrou que o Brasil está na contra-mão de tudo isto e que as receitas do Consenso anterior não levaram ao esperado aumento da capacidade de investimento do setor público, em nosso país Gert Rosenthal, da CEPAL, acrescentou os dados sobre desemprego e desigualdade social conseqüentes das receitas agora criticadas.

Essa desigualdade tem escala mundial. Ficamos sabendo que existem 385 pessoas ou famílias no mundo que, juntas, possuem riqueza maior do que os 2,5 bilhões de pessoas mais pobres do mundo ou 45% da população mundial! Nos Estados Unidos, paradigma do modelo liberal, 1% da população possui mais de 40% de toda a riqueza nacional, e essa desigualdade está crescendo.

As previsões são portanto sombrias. Não se pode esperar que tão graves desigualdades continuem crescendo sem que ocorra uma ruptura social de proporções gigantescas, a níveis regionais ou mundiais. Os privilegiados desse modelo de economia cada vez mais se protegem, atrás de grades, monitores eletrônicos, seguranças armados e carros blindados, aterrorizados com as notícias de seqüestros e assaltos. Não parece que chegarão

a entender que não é bom viver num mundo assim e que vale a pena aceitar modelos diferentes de sociedades, antes da previsível explosão.

John K. Galbraith, um dos mais importantes economistas deste século, defensor de formas moderadas de capitalismo, agora aos 88 anos, lança um livro polêmico, na contra-mão do neoliberalismo: *A Sociedade Justa - Uma Perspectiva Humana*. Nele afirma que "a moderna economia de mercado concede riqueza e distribui renda de uma forma bastante desigual, socialmente adversa e funcionalmente prejudicial". Considera que o mercado não é um mecanismo eficiente e, sozinho, não é capaz de fazer uma distribuição homogênea de renda. E coloca as questões sociais como fundamento último da economia.

Por tudo isso, não podemos nos iludir pelo otimismo de algumas conquistas sócio-econômicas, ainda que apreciáveis, se o modelo econômico neoliberal permanece intocado e seus efeitos, em escala mundial, são reconhecidamente perversos. Acreditar que as forças mágicas do mercado serão suficientes para

O "Consenso" não considerou as diferenças culturais e processos históricos de cada país. Não se pode esperar que tão graves desigualdades continuem crescendo sem que ocorra uma ruptura social de proporções gigantescas.

construir uma sociedade justa, fraterna e feliz é, no mínimo ingênuo.

No Brasil, essa crença produziu 30 milhões de famintos, fantástica concentração de terras em poucas mãos, desemprego, péssimas condições de habitação e saúde pública, educação precária, bolsões de miséria no campo e nas periferias das cidades e, naturalmente, violência crescente.

O Brasil precisa de um novo projeto. Esse é o verdadeiro consenso de que precisamos.



Advertência conservadora insuspeita: "A voracidade de capital do processo de globalização, revestido de múltiplas roupagens, vem distribuindo angústia, solapando projetos e vendendo muita prosperidade sem solidariedade. A máquina vem substituindo o homem em todos os setores da economia, aumentando as fileiras dos desempregados, dos sem-terra, dos sem-teto e dos sem-vez. Graves conseqüências estão advindo do processo globalizante, sem que as forças que podem contê-las se mobilizem com a mesma velocidade com que elas avançam". (Deputado Federal José Linhares, PPB-CE).



A fome é imoral.
Faça alguma coisa.

Proposta do MFC ao Governo sobre os Meios de Comunicação Social

O MFC enviou ao Presidente da República, aos Ministros das Comunicações, da Educação, da Cultura, da Justiça, da Ciência e Tecnologia, a vários Deputados e Senadores, a proposta que vamos transcrever. O MFC pede que cada um dos seus membros se empenhe em motivar parlamentares da sua região e outras organizações da sociedade civil, movimentos de Igreja, partidos, sindicatos e movimentos populares, para que apoiem essa proposta.

O MFC - Movimento Familiar Cristão, entidade de Utilidade Pública Federal, vinculada à International Confederation of Christian Family Movements, reconhecida pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas como órgão consultivo não-governamental, congrega 8 mil famílias no Brasil, comprometidas com a construção de um país sempre mais justo, fraterno e solidário.

Neste momento, o MFC se volta para um estudo profundo da influência dos meios de comunicação social, especialmente os meios eletrônicos, na formação da consciência socio-política do povo brasileiro e dos seus valores éticos, culturais e religiosos - individuais, familiares e sociais.

A avaliação é preocupante, exigindo do MFC um pronunciamento e o encaminhamento de propostas concretas àqueles que detêm o poder decisório sobre normas de desempenho da mídia em nosso país.

Reafirmamos, preliminarmente, nosso compromisso com os princípios da livre expressão do pensamento, conquista democrática pela qual muitos brasileiros se sacrificaram e deram a vida, nas trevas das ditaduras que se abateram sobre o Brasil neste século.

Entretanto, não é absolutamente democrática a concentração do extraordinário poder de convencimento da mídia eletrônica nas mãos de poucas pessoas, que elegem ou selecionam livremente, segundo seus interesses ideológicos e comerciais, as informações e mensagens que entrarão nas casas de milhões de brasileiros, em embalagens reconhecidamente atraentes.

Esse pequeno número de pessoas ou famílias que detêm praticamente o monopólio da TV e da radiofonia, têm o poder de destruir e reconstruir culturas regionais, decompor e recompor valores éticos, filosóficos, morais e religiosos, induzir a opções políticas e ideológicas, criar e destruir personagens no cenário social e político do país, eleger e até mesmo derrubar governantes.

Esse poder concentrado nada tem a ver com a liberdade de expressão, pela qual sempre lutamos, já que não é democrático o acesso do povo a esses canais poderosos de comunicação de massa. Não se abrem espaços para a manifestação das correntes de opinião que se oponham às dos donos da mídia. O direito de resposta é ineficaz, raramente atendido, e sempre desproporcional aos efeitos da calúnia e da mentira. Visões do mundo e da pessoa humana e de seus valores, contrárias às veiculadas por esses canais, não têm oportunidade real de expressar-se pelos mesmos meios e idêntica qualidade técnica das mensagens a que se opõem.

Em suma, a liberdade de expressão reduz-se a uma irrestrita liberdade assegurada aos donos da mídia e negada aos seus opositores, aos quais se reserva o acesso à mídia alternativa, de discreto poder de penetração e restrita audiência.

Por outro lado, é inegável que essas poderosas redes de rádio e TV não atendem ao que dela exigem claros dispositivos constitucionais. Permitimo-nos transcrevê-los, grifando os conceitos básicos, já que neles se basearão as propostas que vimos encaminhar a Vossa Excelência por este meio.

Constituição Federal

Capítulo V

Da Comunicação Social.

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

Par. 1º Nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no Art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

Par. 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

Par. 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao Poder Público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no Art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

Par. 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterá, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes do seu uso.

Par. 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

Par. 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade.

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Art. 222 (...)

Art. 223. Compete ao Poder Executivo outorgar e renovar concessão, permissão e autorização para o serviço de radiodifusão sonora e de sons e imagens, observado o princípio da complementaridade dos sistemas privado, público e estatal.

Par. 1º O Congresso Nacional apreciará o ato, no prazo do art. 64 pp. 2º e 4º, a contar do recebimento da mensagem.

Par. 2º A não renovação da concessão ou permissão dependerá de aprovação de, no mínimo, dois quintos do Congresso Nacional em votação nominal.

Par. 3º O ato de outorga ou renovação somente produzirá efeitos legais após deliberação do Congresso Nacional, na forma dos parágrafos anteriores.

Par. 4º O cancelamento da concessão ou permissão, antes de vencido o prazo, depende de decisão judicial.

Par. 5º O prazo da concessão ou permissão será de dez anos para as emissoras de rádio e de quinze anos para as de televisão.

Art. 224. Para os efeitos do disposto neste capítulo, o Congresso Nacional instituirá, como órgão auxiliar, o Conselho de Comunicação Social, na forma da lei.

Em vista do exposto, e fundado no que estabelece claramente a Constituição Federal, o MFC vem submeter a Vossa Excelência a seguinte proposta, compreendendo medidas de competência quer do Poder Executivo, quer do Poder Legislativo:

1. Instituição do Conselho de Comunicação Social, integrado por representantes de organismos representativos de múltiplos setores da sociedade, interessados na matéria, com destaque para aqueles que se dedicam ao estudo das conseqüências positivas e negativas da influência dos meios de comunicação social sobre a cultura popular, a família, o meio ambiente, a consciência social e política do cidadão; representantes das igrejas, universidades, partidos políticos e movimentos populares, envolvendo educadores, animadores culturais, comunicadores, juristas, psicólogos, médicos e especialistas de outras áreas que possam apoiar a tomada de decisões seguras do órgão, capazes de submeter os meios de comunicação social aos dispositivos constitucionais aplicáveis.

2. Estabelecer a obrigatoriedade de cessão de espaços na programação das emissoras de rádio e televisão para mensagens e programas educativos e culturais, equivalentes em tempos e horários nobres e nos moldes adotados para a programação eleitoral gratuita, cabendo ao Conselho de Comunicação Social estabelecer os critérios sobre a produção e temática de tais inserções, aprovar campanhas educativas nos mais variados campos, definir espaços e tempos para a apresentação de análises de conjuntura por diferentes correntes ideológicas que contribuam para o desenvolvimento da consciência crítica dos cidadãos, e para a apresentação de expressões das culturas regionais e outras intervenções do gênero. Essa cessão gratuita de espaços e tempos de programação será entendida como justa remuneração, compensação ou contra-partida pela pura concessão, permissão ou autorização de uso, pela União, dos canais de rádio e televisão.

3. Coibir, com base em critérios definidos pelo Conselho de Comunicação Social, a transmissão de mensagens explícitas ou subliminares que agredam os valores éticos e religiosos do povo brasileiro, considerando que a censura vedada pela Constituição é a de natureza política, ideológica e artística, não se referindo, portanto, à que se pode aplicar às questões aqui referidas. Dentre estas se incluem a apresentação de formas degradantes e anormais da sexualidade humana, a excessiva carga de violência nos filmes e desenhos infantis nacionais e importados,

a exposição de pessoas ao ridículo em programas de auditório, certa predileção pelo humor pornográfico, as referências insistentes, caricatas e desrespeitosas a homossexuais, a igualmente insistente desvalorização do matrimônio e da família, a propaganda enganosa de produtos e serviços, a indução às apostas em loterias suspeitas e tantas outras formas deletérias de deseducação e exploração do povo.

4. Implementar desde já as medidas aqui propostas que não dependam de leis complementares ou ordinárias, editar decretos legislativos, elaborar projetos de lei e considerar a oportunidade de edição de medidas provisórias que permitam a antecipação da concretização das medidas pendentes de legislação própria.

O MFC considera que as medidas propostas, elaboradas por seus membros, mediante amplas consultas aos seus órgãos internos, contribuirão para atenuar o poder dos detentores da mídia, e para o redirecionamento do papel dos meios de comunicação social, orientando-os para a educação do povo, única saída efetiva para o verdadeiro desenvolvimento social de uma nação.



Japão: onde o neoliberalismo é levado a sério. Milhares de mendigos tremem de frio a cada inverno, nas ruas de Tóquio, e muitos deles morrem de frio ou de doenças não tratadas, enquanto no bairro de Sanya os empreiteiros decidem a dedo quem trabalha naquele dia e quem não. Agora, equipes municipais tentaram pela primeira vez contar os sem-teto na capital. O primeiro cálculo chegou aos 3.300. Mas parece que a estimativa é falha. Segundo a freira Hatsuki Murakami, responsável pela seção japonesa da organização religiosa Emmaus, os mendigos de Tóquio são mais de 10 mil. "Neste país, em princípio tão próspero, multiplicam-se os casos de total abandono e urgência desesperada. Milhares de pessoas precisam de ajuda e quando os serviços públicos não cumprem a sua obrigação, eles ficam completamente sozinhos". Em Sanya a maioria dos mendigos é gente doente ou idosa que não encontra trabalho temporário e não pode pagar nem mesmo uma cama de albergue. De manhã eles podem ser vistos às centenas reunidos em praças dos bairros, até que chegam os empreiteiros de construção e recrutam alguns para trabalhar naquele dia. Os "velhos", com mais de 50 anos, são sempre rejeitados. A cada inverno, morrem dezenas de pessoas. O Japão não tem inflação, sua balança comercial é fantasticamente positiva, domina enorme fatia do mercado internacional, exporta tecnologia para o mundo todo, é um dos países mais ricos do planeta.



Lição dos índios aos brancos

Há muitos anos, depois de um tratado de paz com os índios de seis nações, os governadores de dois estados norte-americanos convidaram os chefes índios a enviarem alguns de seus jovens às escolas dos brancos.

Os chefes recusaram, agradecendo, em carta em que explicavam:

"Nós estamos convencidos que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de coração. Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa idéia de educação não é a mesma que a nossa.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do norte e aprenderam toda

a vossa ciência. Mas quando voltaram para nós, eles eram maus corredores, ignorantes na vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não nos serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros.

Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão, oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos deles, homens".

(Citado por Carlos Rodrigues Brandão em **O que é Educação**, Editorial Brasiliense)

Há alguns anos está em andamento no Brasil uma experiência pastoral que pretende articular as classes médias com o movimento popular. O descobrimento - justo e positivo - da relevância da opção pelos pobres levou a um certo abandono das classes médias, deixadas à própria sorte. É isto que esta experiência quer superar. Para integrar-se à Rede, individualmente ou como instituição ou movimento, peçam informações ao CAALL - Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, tel. (0242) 42-6433, que atua como Secretaria.

Rede de Cristãos de Classes Médias

Maria Helena Arrochellas
Teóloga leiga

É um fato sociológico que as pessoas situadas nos escalões médios da estrutura social tendem a solidarizar-se com os estratos superiores dessa estrutura. Aspiram a atingir os padrões de consumo e os estilos de vida desses estratos, apoiando-os politicamente com seus votos.

Existem, porém exceções. Uma minoria que não pensa nem age assim. Ao contrário, são pessoas que se solidarizam com o povo dominado e participam ativamente de suas lutas, colocando a seu serviço os conhecimentos e a cultura que adquiriram em sua classe social. As fontes de inspiração dessas pessoas são muito variadas. As que assumem essa posição de solidariedade com a luta popular por coerência com os

valores do Evangelho, são os "*cristãos de classes médias*".

Esses cristãos vivem uma contradição: sua condição concreta de vida, seu cotidiano, coloca-os socialmente entre os grupos sociais que fazem parte do universo dos "incluídos"; ao mesmo tempo, sua inteligência, seu coração e seu compromisso estão com as lutas dos "excluídos". Viver entre os incluídos e lutar ao lado dos excluídos cria muitas perplexidades e angústias. Como superar essas dificuldades e dar mais solidez à sua opção?

A Rede de Cristãos de Classes Médias. No Brasil, um grupo de pessoas de várias igrejas cristãs teve uma interessante iniciativa. Criaram uma Rede de cristãos de classes médias. A Rede não é uma

organização nem um movimento. É uma articulação ecumênica, um sistema de troca de informações, conhecimentos e propostas de realização de ações conjuntas.

Os integrantes da Rede são militantes cristãos, ativos em organizações, movimentos eclesiais, sindicais, políticos e populares. Ao integrar-se à Rede não se afastam desses compromissos; ao contrário, aprofundam-nos. A Rede serve apenas para colocar os participantes em contato.

Como se faz isso? A Rede realiza um Encontro anual. A ele comparecem pessoas de várias partes do país, a fim de debater temas que versam sobre as questões surgidas para os cristãos de classes médias a partir de suas atividades nos movimentos de que participam. Palestras, discussões em grupos, celebrações litúrgicas, convivências fraternas... atuam no ânimo dos participantes como uma injeção de esperança.

Os temas dos seis Encontros da Rede já realizados. "A Pastoral da Classe Média sob a ótica da libertação" (1991/1992). "Os Excluídos do Sistema" (1993). "Momentos de decisões dramáticas: a lógica do Governo contra a lógica da Sociedade" (1994). "Teologia da Beleza e do Prazer" (1995). "Pistas para um novo Projeto para o Brasil" (1996).

O Boletim Rede. Além dos encontros anuais, a Rede publica um Boletim mensal. Essa publicação

Uma minoria de cristãos das classes médias se solidariza com o povo dominado e participa ativamente em suas lutas, colocando-se a seu serviço.

divide-se em duas partes: análise da conjuntura e intercâmbio de informações e experiências. A primeira consiste de artigos curtos, nos quais o articulista apresenta uma interpretação dos fatos ocorridos no mês anterior, a partir do ângulo da luta dos excluídos. A análise envolve: política nacional, política internacional, economia, sociedade e igrejas.

O objetivo dessa publicação é preencher um vazio: os cristãos comprometidos com as lutas populares dedicam-se a problemas específicos e muitas vezes não dispõem de fontes confiáveis de informações sobre o panorama geral do país.

Isto dificulta a inserção de suas lutas específicas na dinâmica mais ampla da luta contra a dominação. Se só pudessem receber informações através dos meios de comunicação do "establishment", teriam uma visão equivocada da realidade nacional e internacional, porque os grandes meios de comunicação, como sabem todos, costumam distorcer os fatos de forma a adequá-los aos propósitos dos dominantes. Cada folha do

boletim oferece uma "chave de leitura" para que se possa ler nas entrelinhas a verdade que os meios ocultam sob um contexto enganador.

A seção de intercâmbio publica notícias dos diferentes movimentos e organizações nos quais atuam os integrantes da **Rede**, bem como um resumo de livros e artigos que versam sobre temas de interesse.

Os responsáveis pelo Boletim, que integram o Conselho Editorial escolhido pelos seus companheiros da **Rede**, estão dispersos por vários estados do país. A pauta é preparada em tele-reunião mensal via-fax-

modem, em dia e hora marcada. O Boletim também pode ser acessado pela Internet: **bolrede@ax.apc.org**.

O catalisador. A Rede não seria possível sem um agente catalizador. É o **Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade**, que funciona na casa em que viveu o doutor Alceu e se dedica a apoiar os movimentos que dão continuidade à obra desse grande líder cristão.

O Centro Alceu se encarrega de estabelecer os contatos entre os grupos de cristãos de classes médias, de organizar os Encontros e de publicar o Boletim.



Timor-Leste luta por autodeterminação: *Ocupada pela Indonésia há mais de 20 anos, essa antiga colônia portuguesa busca apoio das nações livres de todo o mundo para conquistar o direito à independência e autodeterminação. Pequeno país de língua portuguesa, tem seus líderes encarcerados e sua população marginalizada pelos invasores indonésios, que ocupam praticamente todas as funções políticas e administrativas, perseguindo os opositores dessa dominação. Seus líderes foram agraciados com o Prêmio Nobel da Paz de 1996, como reconhecimento internacional da legitimidade da sua luta. D. Paulo Evaristo Arns escreveu carta emocionada ao Comandante Xanana Gusmão, preso na Prisão de Cipinang, em Jacarta, capital da Indonésia, afirmando: "A coragem e determinação do seu povo, na luta pelas mais legítimas aspirações de liberdade, independência nacional, paz e dignidade, constituem uma fonte de inspiração para todos nós e para todos aqueles que lutam pelos mesmos ideais.*

Casamento civil em queda: *O IBGE registra que o número de casamentos civis baixou entre 1980 (foram 818.990) e 1994 (apenas 763.129). Considerando-se o aumento da população, nesse período, a redução alcança 38%. Crescem na razão inversa as uniões não legalizadas, amparadas por lei que assegura direitos praticamente equivalentes aos do casamento civil, se o casal convive sob o mesmo teto há mais de dois anos, com filho, ou cinco anos, sem filhos.*

Reverência à diversidade

Rabino Henry Sobel

Congregação Israelita Paulista

Era uma vez um rapaz que resolveu mudar o mundo. Mas percebeu que o mundo era grande demais para uma pessoa mudá-lo sozinha. Então resolveu mudar o seu país. Logo viu que isso era muito difícil. Decidiu mudar a sua comunidade, e percebeu que até isso era difícil. Então resolveu mudar a si mesmo. E quando começou a ser compreensivo para com os outros contagiou a sua comunidade, seu país, o mundo.

Se queremos construir a paz em nossa sociedade, temos que começar com nós mesmos. Cada um de nós, em nosso pequeno mundo, desarmando o espírito, nos conscientizando e, conseqüentemente conscientizando aqueles que nos rodeiam.

Desde pequenos precisamos ver plantações em nós as sementes do respeito mútuo. Devemos lembrar que há diversas religiões e etnias, mas todas são igualmente válidas e nenhuma é superior à outra.

A História já nos deu provas suficientes de que o preconceito religioso, o triunfalismo ideológico e a discriminação étnica são as maiores barreiras ao progresso humano. Já é tempo de

percebermos que julgar um ser humano em termos de seu credo, de suas convicções políticas ou da cor da sua pele é mais que um erro. É uma cegueira do espírito, um câncer da Alma.

O erro mais trágico e persistente do pensamento humano é o conceito de que as idéias são mutuamente excludentes. Foi este o engano fatal que, não apenas em nosso século mas em todos os tempos, fez falhar o ideal da fraternidade universal. Enquanto perdurar essa estreiteza de visão, a paz mundial permanecerá um sonho intangível.

O ingrediente básico para a construção da paz em nossa sociedade é a humildade. Um pouquinho de humildade já é bastante para reconhecer que a verdade não está exclusivamente na nossa religião, tradição ou nacionalidade. Precisamos reverenciar a diversidade.

Meus amigos: a paz não virá por obra e graça de um grande líder nem mesmo por Providência Divina. A paz virá somente quando cada um de nós se conscientizar da sua responsabilidade individual perante a sociedade em que vivemos.

Família & Vida, Ano 2 No.9 - 1996

@ Estamos mesmo conscientes de que a intolerância entre os diferentes é a verdadeira causa das guerras políticas, religiosas e étnicas, com seus bárbaros genocídios ao longo da história? Conhecemos fatos, exemplos?

A comunhão dos justos

MFC-Juiz de Fora

Forçoso confessar: bem no fundinho do nosso inconsciente guardamos a idéia distorcida - por sinal repassada muitas vezes inconscientemente pelos ontens antigos - que *santo* foi pessoa neutra, um tanto "asséptica", tão acima do bem e do mal que viveu fora da sua realidade. Longe das angústias e das inquietações do dia-a-dia, um quase extra-terrestre, digamos assim.

Queiramos ou não, a palavra *santo* chegou até nós um tanto cúmplice daquela distorção que insiste em separar *alma-céu-santidade* de *corpo-mundo-pecado*, portanto eco daquele dualismo safadinho que tanto nos atribula. Daí que, para muitos, *ser santo* passou a ser sinônimo de ser um eterno e vaporizado inquilino dos nichos dos altares, distante de nós, pobres mortais residentes neste "vale de lágrimas"!

Na verdade, o santo foi canonizado porque foi alguém que, vivendo todos os conflitos humanos, as angústias e inquietações do seu dia-a-dia, mesmo assim confessava a sua fé à frente das suas fragilidades e pecados. Daí o seu mérito inegável.

Nestes tempos, em que a Igreja procura refontizar-se para ser sinal, naquela necessária volta às fontes da Palavra, é o momento para

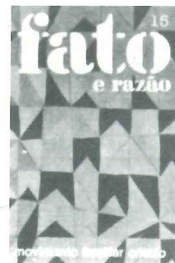
resgatarmos o adjetivo emprestado àquelas pessoas que foram "santas" entre nós, para melhor nos aproximarmos da Sagrada Escritura que usa a palavra *justo* em vez de *santo*. Na liturgia da missa, aprendemos que *Santo* é o Senhor do Universo. No Prefácio, já não se se precede a referência ao papa como *santo padre*, embora ainda se insista em chamá-lo de *Sua Santidade* em textos da Igreja e na imprensa.

Ressalvando algum equívoco na contagem, a palavra *justo* aparece 125 vezes no Antigo e 55 vezes no Novo Testamento. Jesus, por exemplo, afirma que "*haverá maior alegria no céu pela conversão de um pecador do que pelos noventa e nove justos que não necessitam de conversão*" (Lc15,7).

Os *justos* estão aí, em nosso dia-a-dia. Lutando e mesmo morrendo para que todos tenham mais comida e roupa e menos doença. Os *justos* estão aí, no meio do povo, ou encharcando os alicerces da Igreja com o seu sangue ou o anonimato do seu trabalho humanizador. Sem alarde mas confessando a sua fé para que aconteça a libertação e redenção de todos nós.

(Extraído de *Contacto*, MFC Juiz de Fora)

Não leia



... se preferir ficar por fora !

A revista das famílias comprometidas com a construção de um mundo mais justo, onde todas as famílias possam ser felizes e plenamente humanizadas.

**Faça a sua assinatura por telefone: Livraria do MFC
Movimento Familiar Cristão Tel. (031) 222-5842**